



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARLEIDE DE ALMEIDA LIMA

**A FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR MEIO DOS PREFIXOS DES- E IN-:
ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE MORFOSSEMÂNTICA**

SÃO PAULO

2014

MARLEIDE DE ALMEIDA LIMA

**A FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR MEIO DOS PREFIXOS DES- E IN-:
ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE MORFOSSEMÂNTICA**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica, como exigência parcial para obtenção do título de especialista em **Língua Portuguesa**, sob a orientação do Professor Mestre **Cassiano Butti**.

MARÇO

2014

À minha família

AGRADECIMENTOS

Ao professor Cassiano Butti pela parceria e valorosas contribuições, sem as quais não seria possível a realização deste trabalho.

A todos que de alguma forma fizeram parte desta empreitada e contribuíram para que eu pudesse concluir este trabalho.

*Se se nos detivermos a pensar nas pequenas coisas
chegaremos a compreender as grandes.*

Saramago

RESUMO

Neste trabalho, cujo tema é a formação de palavras por meio dos prefixos *des-* e *in-*, investigaremos como se deu, na constituição da Língua Portuguesa, a seleção da negação por meio dos prefixos acima citados. Para tanto, utilizaremos como *corpus* dessa pesquisa, palavras retiradas da *Seleta clássica*, obra de João Ribeiro, a fim de atestar a hipótese de que os vocábulos prefixados negativamente por *des-* e *in-* tiveram sua seleção ditada por questões de cunho histórico, mórfico ou semântico. Fundamentamo-nos teoricamente nos princípios e pressupostos da Morfologia Histórica, bem como da Lexicologia, com a finalidade de atingir os seguintes objetivos: (1) Investigar se há algum padrão nos vocábulos latinos que justifiquem a formação da negação de certos vocábulos do português com *in-* e de outros com *des-*, de modo a explicar o que motivou tais combinações; (2) Pesquisar dados que comprovem as informações obtidas por meio da comparação dos vocábulos, bem como examinar documentos que versem sobre a constituição da Língua Portuguesa a fim de verificar o percurso dos prefixos *in-* e *des-*. Essa pesquisa se justifica porque apesar de haver muitos estudos sobre produtividade lexical, pouco se sabe a respeito de como se deu a seleção dos prefixos *des-* e *in-*, considerando-se que boa parte dos trabalhos direcionados à produtividade lexical diz respeito aos sufixos, talvez por estes possuírem carga semântica maior. O procedimento metodológico exigiu o confronto da datação encontrada na *Seleta clássica* com a datação de dicionário etimológico, tal como a escolha criteriosa e objetiva de apenas uma categoria gramatical, a dos adjetivos, a ser analisada. Os resultados obtidos mostraram que, do ponto de vista semântico os prefixos analisados tem o mesmo valor, se prestando aos mesmos fins. Já do ponto de vista mórfico, o *des-* se mostrou mais eficiente às adaptações exigidas pela língua.

Palavras-chave: lexicologia; morfologia; formação de palavras; prefixos de negação; prefixo *des-*; prefixo *in-*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – FORMAÇÃO DE PALAVRAS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS PREFIXOS <i>DES-</i> E <i>IN-</i>	10
1.1 Considerações iniciais	10
1.2 E o galego se fez português	11
1.3 A divisão do português: uma tarefa difícil	13
1.4 Fontes do léxico português	14
1.5 Elementos formadores de palavras	14
1.5.1 Raiz ou radical	15
1.5.2 Afixos	15
1.5.3 Desinência	16
1.6 Estrutura da palavra	16
1.7 Processos de formação de palavras: derivação prefixal	17
1.7.1 Processos de formação de palavras: composição	18
1.8 Prefixos latinos	18
1.8.1 A negação por meio de prefixos	19
1.8.2 O prefixo <i>des-</i>	19
1.8.3 O prefixo <i>in-</i>	19
CAPÍTULO II – POR UMA ABORDAGEM ACERCA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS	21
2.1 Considerações iniciais	21
2.2 Gramáticas normativas	21
2.3 Abordagem estruturalista.....	23
2.4 Abordagem gerativa	25
2.4.1 Especialização, restrição e bloqueio de palavras.....	26
2.5 Abordagem morfossemântica	27
CAPÍTULO III – O ENIGMA DAS COMBINAÇÕES	29
3.1 Considerações iniciais	29
3.2 A seleção do <i>corpus</i>	29
3.3 A Seleta clássica	30

3.4 Por uma metodologia para o trabalho com os prefixos <i>des-</i> e <i>in-</i>	31
3.5 Análise morfossemântica dos prefixos <i>des-</i> e <i>in-</i> com valor de negação	33
3.5.1 Das análises mórnicas	37
3.5.2 Das análises semânticas.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICES	62

INTRODUÇÃO

Discussões acerca da linguagem humana sempre foram motivo de inquietação aos cientistas, qual a língua original? onde esta surgiu? como surgiu o alfabeto? qual a origem das palavras? Estas são algumas das perguntas que se fizeram os cientistas ao longo dos tempos, algumas foram respondidas, outras parcialmente respondidas. A que por mais tempo intrigou os especialistas foi a indagação em torno da existência de uma língua original, da qual todas as outras línguas descenderiam.

Todos os esforços para reconstruir a língua-mãe foram em vão, mas a partir desses estudos foi possível, por meio da afiliação genética das línguas, estabelecer várias famílias linguísticas (VIARO, 2010). Assim, o português é uma língua proveniente do galego, que por sua vez provém do latim, que faz parte de um grupo chamado itálico. Este provém de uma família de línguas mais antiga, o indo-europeu (BAGNO, 2011).

Outra indagação recorrente, a busca pela origem das palavras, gerou a etimologia, disciplina que estuda a evolução das palavras, retornando o mais longe possível no passado, a fim de descobrir o étimo do vocábulo, do qual se deriva a forma moderna (DUBOIS, 1993).

Toda palavra traz uma raiz, seu núcleo etimológico. A raiz condensa em si o conceito central do vocábulo, a essa raiz são acrescentadas ideias adicionais pelos prefixos e sufixos. Assim a palavra *repelir* tem a raiz *pel* que significa “lançar, atirar”, combinada ao prefixo *re-* “para trás”, forma-se então *repelir*: “jogar para trás” (VIARO, 2010).

No exemplo, acima citado, o prefixo adiciona à raiz um novo conceito, forjando uma nova unidade lexical, com diferenças mórficas e semânticas em relação à palavra de origem. Segundo Romanelli (1964) os prefixos se unem a nomes e a verbos a fim de precisar-lhes o sentido, por meio de uma noção de natureza, principalmente, local ou instrumental.

Dentre as muitas ideias expressas pelos prefixos, está a de negação. Em português, os prefixos com valor de negação mais produtivos são os de origem latina, *des-* e *in-*. Mas se essas formas possuem funções análogas, porque uma foi escolhida em

detrimento da outra. Esta questão é o cerne deste trabalho que pretende estudar como se deu a seleção da negação por meio dos prefixos *in-* e *des-* na constituição lexical da Língua Portuguesa. Buscamos assim, compreender como se deu na formação do léxico o processo de negação dos adjetivos mediante os prefixos *des-* e *in-*. Para tanto nos apoiaremos nos pressupostos teóricos da Morfologia histórica, bem como da Lexicologia aqui representados, entre outros, por Said Ali, Ismael de Lima Coutinho, Antônio José Sandmann e Margarida Basilio.

O *corpus* é composto por adjetivos coletados da obra de João Ribeiro, a *Seleção clássica*. Selecionamos essa antologia porque ela traz textos de diferentes períodos do português, o que a torna, neste sentido, exemplar.

Esta monografia está dividida em três capítulos: o primeiro fará uma retomada histórica, a fim de resgatar as origens da Língua portuguesa, bem como apresentar e discutir os processos de formação de palavras, mais especificamente a prefixação por meio dos afixos *des-* e *in-*.

O capítulo II abordará as vertentes que têm como objeto de estudo a formação de palavras, a fim de apontar o tratamento dispensado por cada uma dessas teorias à produtividade lexical.

Em seguida o capítulo III apresentará as análises semântica e mórfica dos adjetivos retirados da *Seleção clássica*, assim como os resultados deste estudo.

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS PREFIXOS

DES- E IN-

1.1 Considerações iniciais

Durante nossa formação acadêmica muito estudamos sobre a constituição da Língua Portuguesa, mas alheios à verdadeira origem do português, deixamos de lado a matriz fundadora do nosso idioma, o Galego.

Como essa língua está circunscrita à Galiza, região situada no noroeste da Espanha, distante dos grandes centros políticos, culturais e comerciais, ela foi, por muito tempo, desprezada, deixando de assumir o lugar que lhe cabia: o de berço da Língua Portuguesa (BAGNO, 2011).



Mapa 01: Localização da Galiza

Disponível em: <<http://web.letras.up.pt/asaraujo/geofis/t1.html>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

E como essa é uma pesquisa calcada na Morfologia histórica, não podemos deixar de discutir, ainda que brevemente, a história do português e, por consequência, do galego. Isso se dará a fim de melhor situar o leitor a cerca dos períodos compreendidos pela *Seleta clássica* e do caminho percorrido pelos prefixos estudados, após fazermos essa retomada histórica, que abarcará desde o galego até a instituição do português como língua oficial, trataremos da estrutura da palavra e dos processos de formação que sobre ela recaem, veremos como esses processos de formação de palavras fomentaram e fomentam dúvidas em muitos pesquisadores. A partir da compreensão desses assuntos poderemos nos debruçar sobre os prefixos de negação, objeto deste estudo.

1.2 E o galego se fez português

Apesar de ser comum ouvirmos e lermos que o português origina-se do latim, defenderemos, aqui, como Bagno (2011) e Bassetto (2001), que o português provém do galego e este sim tem sua origem no latim vulgar.

Após o processo de romanização, a península foi invadida por bárbaros germânicos, alanos, vândalos, suevos e visigodos. Essas invasões, sobretudo a dos germânicos, contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia. No século VIII foi a vez dos árabes invadirem a península e contribuírem para a diferenciação do léxico do português. Já no século X, o aparecimento de núcleos cristãos propiciou uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1- Galego¹ – Condado da Galiza; 2- Ásturo-leonês – Reino de Leões e das Astúrias; 3- Castelhana – Condado de Castela; 4- Basco e Navarro-aragonês – Reino de Navarra; 5- Catalão – Reino de Aragão e Condado de Barcelos (BECHARA, 2009).

Quarenta e quatro anos após Afonso VI conferir autonomia à Província Portucalense, Portugal ganha seu primeiro rei, Afonso Henriques. O galego expandiu-se, então, em direção ao sul, região ocupada por mulçumanos, em outubro de 1147 Lisboa é reconquistada (BECHARA, 2009) e em 1290 o português se torna a língua oficial do reino de Portugal (BAGNO, 2011).

¹ Ao que Evanildo Bechara, a exemplo de tantos outros autores, denomina galego-português, chamaremos galego, pois o condado de Portugal e o português são posteriores a Galiza, existente desde a época dos romanos (BAGNO, 2011).

Os primeiros documentos, datados, em português, na versão galega, surgem no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia do Torto*. Porém, a denominação *Língua Portuguesa* só passa a correr com os escritores da Casa de Avis. O português foi instituído como língua veicular administrativa oficial por D. Diniz. Entre os séculos XV e XVI, Portugal ganha destaque com as grandes navegações e o português se expande além-mar (BECHARA, 2009).



Mapa 02: Distribuição do português pelo mundo

Disponível em: <<http://zarpante.wordpress.com/lusofonia/cplp/>>. Acesso em: 09 mar. 2014.



Mapa 03: Comunidade lusófona

Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:CPLP_map-pt.svg>. Acesso em: 09 mar. 2014.

1.3 A divisão do português: uma tarefa difícil

Quando se trata de datação da divisão do português não há um consenso entre os estudiosos da língua quanto o início e término de cada período: Ismael de Lima Coutinho (2011) chama de *pré-histórica* a fase que vai desde o início da língua portuguesa até o século IX. Do século IX ao XII tem-se a *proto-história*, a partir do século XII dá-se início ao período histórico, dividido em *arcaico*, do século XII ao XVI, e *moderno*, do XVI aos dias de hoje. Para Coutinho a publicação de *Os Lusíadas* marca o nascimento época moderna.

Evanildo Bechara (2009) divide o português em quatro fases: a primeira fase, a do *português arcaico*, vai do século XIII até o final do XIV; a segunda, *português arcaico médio*, abrange a primeira metade do século XV à primeira metade do século XVI; o *português moderno* estende-se da segunda metade do século XVI ao final do XVII; o *português contemporâneo* tem início no século XVIII e se estende aos nossos dias.

Said Ali (1964) toma o século XII como a inauguração do período *histórico*, este dividido em *português antigo*, do século XII aos primeiros anos do XVI, e *português moderno*, este subdividindo-se nos períodos *quincentista* (século XVI), *seiscentista* (século XVII) e *hodierno* (XVIII).

Essas divergências ocorrem pela falta de fatos linguísticos que delimitem com segurança o início e o término de cada período, como ainda não há uma cronologia relativa ao desaparecimento de particularidades linguísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno (SILVA, 2013) usaremos a datação adotada por João Ribeiro na *Seleção clássica*.

Seguindo o proposto por João Ribeiro (2010) dividiremos o português entre os períodos: **anteclássico**, **clássico I**, **clássico II** e **século XVIII**. O período anteclássico compreende do século XI ao XV, abrangendo o período arcaico em que não havia documentos literários, apenas documentos oficiais, escrituras e papéis forenses. O período clássico I abrange o século XVI, período chamado de quincentista. Nesta fase a poesia se sobressaiu a prosa, o vocabulário e a sintaxe, chamados latinos, se expandiram, aqui começou a história do português no Brasil. O século XVI é descrito como o ponto de partida para um novo período da língua portuguesa, porém não há

dados suficientes para que se afirme quando o período arcaico se encerrou: se no fim do século XV ou primeira metade do XVI (SILVA, 2013). O período clássico II, os seiscentistas, abarca o século XVII, foi em meados deste século que a forte imigração portuguesa e o desenvolvimento dos valores da cultura europeia deram fim ao bilinguismo português e tupi, sobressaindo-se o português (CÂMARA JUNIOR, 1979). Por fim o século XVIII, academias e arcádias, este encerra o período clássico e dá início ao culto à tradição francesa, que era imitada por toda a Europa (RIBEIRO, 2010). No Brasil um alvará de 1759 ampliou a lei do Diretório, lei de 1759 promulgada pelo Marques de Pombal que considerava a língua geral uma invenção, e tornou o português a língua oficial da então colônia (BASTOS; PALMA, 2004).

1.4 Fontes do léxico português

Herdeira do galego, e este fruto da transformação do latim, a Língua Portuguesa herdou muitas palavras do latim vulgar, pois:

A faculdade de formar palavras novas foi muito limitada no latim, depois que ele atingiu a fase de esplendor, pelo receio que tinham os escritores de incorrer na pecha de neologistas; no latim vulgar, porém, ela se desenvolveu prodigiosamente (COUTINHO, 2011, p. 167).

E como as palavras portuguesas eram insuficientes para expressar as ideias e as coisas novas que surgiam, houve a necessidade de incorporar ao léxico português palavras do Latim (COUTINHO, 2011). Além dos naturais empréstimos latinos, o português incorporou ao seu vocabulário palavras estrangeiras oriundas do contato com idiomas internacionais. A criação ou formação vernácula teve e tem muita importância na formação de palavras do português. Os principais processos formadores de palavras são a derivação e a composição. A derivação desdobra-se em derivação sufixal, derivação prefixal, derivação parassintética, derivação regressiva e derivação imprópria (KEHDI, 2007a), como o foco deste trabalho é a negação por meio dos prefixos *in-* e *des-*, debruçaremos apenas sobre os processos de derivação prefixal e de composição apresentados mais à frente, por ora ficamos com os elementos constituidores da palavra.

1.5 Elementos formadores de palavras

1.5.1 Raiz ou radical

A raiz, ou núcleo etimológico, como observa Viaro (2010), é pequena comparada à palavra e, muitas vezes, restringe-se a apenas uma sílaba. Já o radical, termo utilizado em estudos sincrônicos, é uma ampliação da raiz feita por meio de prefixos e sufixos “o elemento irreduzível e comum às palavras de uma mesma família” (KEHDI, 2007b, p.26), assim *livr-* é o radical da sequência: *livro/ livreco/ livraria/ livreiro*. Neste trabalho utilizaremos o termo raiz, já que nos inserimos em uma abordagem diacrônica da língua. Essa diferenciação, entre raiz e radical, diacronia e sincronia, faz-se necessária porque entre a transformação do latim em Língua Portuguesa, algumas palavras, como *comer*, perderam suas raízes. Em latim o ato de ingerir alimento era nomeado pela palavra *edere* (CUNHA, 2011), a essa palavra foi inserida a preposição *cum*, resultando na forma *cumedere*, alimentar-se em companhia de, com a transformação do latim a raiz *ed* perdeu-se, restando apenas a preposição *com* e o morfema *er*. Assim em uma análise sincrônica o radical da palavra *comer* é *com*, mas para a diacronia *ed* é a raiz, sendo *com* apenas um prefixo (KEHDI, 2007b).

1.5.2 Afixos

De acordo com Kehdi (2007b p. 27):

Designam-se afixos os morfemas que se anexam ao radical para mudar-lhe o sentido (p. ex.: *fazer/ des-fazer*) ou acrescentar-lhe uma ideia secundária (*livro/ livr-eco*). Podem contribuir ainda para a mudança da classe do vocábulo: *leal*, adjetivo, com o acréscimo do afixo *-dade*, passa a substantivo: *lealdade*.

Os afixos dividem-se em prefixos e sufixos:

- **Prefixos:** elementos antepostos ao radical para emprestar-lhe uma nova significação (BECHARA, 2009), o acréscimo do prefixo não altera a classe gramatical do radical a que se uniu. Normalmente os prefixos são antepostos a verbos: *des-fazer*, a adjetivos *in-feliz* (KEHDI, 2007b) e com menor frequência a substantivos, ocorrendo os deverbais, *des-empate* (BECHARA, 2009). Os prefixos eram na sua origem preposições e advérbios que se uniram aos vocábulos para adicionar-lhes novo sentido (MACAMBIRA, 1998). Essas preposições e advérbios, ao

unirem-se a vocábulos, assumiram a condição de forma presa, porém, alguns prefixos ainda podem atuar como preposições, é o caso de: *contra*, *entre*, o que causou muitas discussões a respeito da classificação dos prefixos (KEHDI, 2007a).

- **Sufixos:** formas presas pospostas à palavra com a função de mudar-lhe o sentido, podendo alterar também a classe gramatical. A autonomia não se deu somente entre os prefixos, alguns sufixos também gozaram o *status* de autonomia. É o caso da forma *mente*, “espírito”, combinada a adjetivos adequados à sua significação, a partir do momento em que *mente* passou a agregar-se a outros adjetivos, *rapida-mente*, deixou de pertencer ao processo de composição para pertencer a derivação, já que *mente* adquiriu o caráter de forma presa (KEHDI, 2007a).

1.5.3 Desinência

É “a característica flexional ou elemento final e variável da palavra, que distingue as formas de um paradigma, nominal ou verbal” (MACAMBIRA, 1998, p. 05). Derivado do Latim Medieval, o termo desinência significa, “extremidade, fim, termo” (CUNHA, 2011, p. 211), porém, isso não significa que a desinência é o último elemento mórfico do vocábulo, ela pode e comumente é o penúltimo elemento. As desinências dividem-se em desinências de número, de gênero e de verbos, estas são de dois tipos: modo-temporais e número-pessoais (KEHDI, 2007b).

1.6 Estrutura da palavra

A palavra, não obstante apresentasse variações de forma, foi considerada durante muito tempo pela gramática normativa, indivisível. Contudo, como podemos compor palavras a partir de outras palavras, é inevitável reconhecer que as palavras também podem ser unidades complexas, isto é, formadas basicamente por afixos e raiz. (BASILIO, 2012). Essa base, formada por raiz e afixo, também pode ser complexa, ou seja, igualmente formada por base e afixo. Podendo a palavra ser formada por diversos níveis ou camadas. A título de exemplo, Basilio (2012) apresenta o vocábulo *centro*, constituído apenas por uma base e uma vogal temática, ao qual se acrescenta o sufixo

-al e obtém-se a forma adjetiva, *central*, a esta base é acrescido *-izar*, formando o verbo *centralizar*, que pode ser combinado ao prefixo de negação *des-*, origina-se *descentralizar*, a este vocábulo ainda é possível adicionar *-ção*, e formar *descentralização*. Esse exemplo deixa claro que em todos os níveis temos a construção base + prefixo.

Outra possibilidade de formação de palavras é a composição, neste processo a palavra é formada por duas bases, como em *guarda-roupa*, *maltrapilho*, *luso-brasileiro*.

1.7 Processos de formação de palavras: derivação prefixal

O processo de derivação consiste em adicionar um afixo a uma palavra já existente, a fim de mudar-lhe o sentido (SAID ALI, 1964).

Muitos autores divergem quanto a prefixação pertencer ou não à derivação, entre os que defendem ser a prefixação um processo derivacional estão: Said Ali (1964), segundo o qual o argumento de que os prefixos também podem funcionar como formas livres tropeça no momento em que se analisa elementos formativos como *dis-*, *re-*, *in-*, porque ao remontar o passado dessas partículas inseparáveis, nada se encontra a respeito de tais vocábulos independentes, tanto em latim como em qualquer língua indo-europeia esses elementos funcionam sempre como prefixos; e Bechara (2009), que defende o prefixo como uma forma presa, que acrescida ao radical adiciona-lhe um novo significado, para esses autores o prefixo isolado não tem autonomia.

A derivação comporta, além da prefixação, a sufixação e a parassíntese. A sufixação consiste em adicionar ao fim da palavra um sufixo, na prefixação o afixo é adicionado no início do vocábulo. Já a parassíntese ocorre quando a palavra recebe ao mesmo tempo, tanto o prefixo como o sufixo. Um caso de derivação parassintética é a formação do vocábulo *entardecer*. Essa lexia é formada pela união dos afixos *en-* e *ecer-*, respectivamente, com o vocábulo *tarde* e como não existe as formas **tardecer* e **entarde* (o asterisco aponta que a formação não é documentada) fica evidente que as afixações ocorreram simultaneamente (KOCH; SOUZA-E-SILVA, 2011).

1.7.1 Processos de formação de palavras: composição

O processo de composição se dá pela união de dois ou mais elementos: *guarda-chuva, fidalgo, entrecortar* (COUTINHO, 2011). A dificuldade em estabelecer se a prefixação pertence à derivação ou à composição se dá porque alguns prefixos, *contra, entre, extra, mal, bem, além, menos, etc.*, funcionam como vocábulos independentes, um dos critérios usados pelos autores que defendem a prefixação como processo de composição é a supressão do prefixo, *recomeçar-começar, malferido-ferido*, observemos que o radical resultante é um vocábulo com sentido completo, já se suprimirmos um sufixo na derivação o vocábulo restante é incompleto, *beleza-bel, ferramenta-ferra*. Entre os autores que defendem essa posição estão, Coutinho (2011) e Macambira (1998).

1.8 Prefixos latinos

Os prefixos, de acordo com Romanelli (1964), surgiram com a inovação das línguas indo-europeias, antes disso a palavra indo-europeia era formada por raiz, sufixo e desinência, sendo a derivação o processo utilizado na formação de palavras. Antes, porém, não era admitida, no Indo-Europeu, a prefixação ao radical, a não ser a repetição de sílabas com caráter gramatical, no caso dos verbos, ou expressivo, no caso dos nomes.

Os prefixos nasceram, mais especificamente, da especialização de advérbios em preposições. Essas preposições tanto podiam prepor-se ou pospor-se ao nome, mas ao passo que o valor adverbial era substituído pelo preposicional, os elementos se tornaram unicamente prepositivos. O mesmo ocorreu aos advérbios prepostos a verbos, estes especializaram o sentido dos verbos indicando se a ação indicada pelo verbo dava-se dentro ou fora, em cima ou em baixo, a partir de ou próximo a, em companhia de alguém ou de algo (ROMANELLI, 1964).

Os prefixos mais comuns em português são os de origem latina e grega, sendo alguns dos prefixos de origem latina correspondentes a preposições e advérbios, que com o tempo passaram de formas livres a presas, combinando-se a outras formas livres. Os prefixos podem ser combinados a palavras já compostas, a fim de modificar o sentido da primeira significação ou de reforçar a ideia do radical. Isto acontece

frequentemente com o prefixo *a-*, e mais raramente em *des-*: *des-inquietar*, *des-insofrido*, *des-leixado* e *des-enfelig*. São os prefixos, no português, os principais formadores de substantivos, adjetivos e verbos (NUNES, 1969).

1.8.1 A negação por meio de prefixos

São muitos, no português, os prefixos cuja função é negar, dentre outros, destacamos os prefixos latinos: *a-*, *des-*, *in-*. Estes prefixos, sobretudo *des-* e *in-* têm grande produtividade na Língua Portuguesa, e é justamente por serem as formas mais consolidadas que as analisaremos quanto à origem e ao valor de negação.

1.8.2 O prefixo *des-*

De acordo com Ismael de Lima Coutinho (2011) o prefixo *des-* tem origem na junção dos prefixos latinos *de-* e *ex-*, significando separação, afastamento, separação, intensidade, negação, ação expletiva. Este autor admite a existência do prefixo *dis-*, *di-* <*dis-*, com o valor de dualidade, divisão em duas partes, separação, movimento em vários sentidos, afastamento, cessação, negação, falta e intensidade.

Evanildo Bechara atribui ao *de(s-)*, *di(s-)*, os sentidos de negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação e intensidade, sobre o prefixo *de-* alerta que este prefixo pode às vezes se alternar com aquele.

Contrariamente a Coutinho, Said Ali (1964, p. 250) não atribui à junção das preposições latinas *de* e *ex-* a origem do prefixo *des-*, este prefixo com sentido de negação é, para Said Ali, a romanização de *dis-*, que apesar de se manter inalterado em alguns vocábulos oriundos do latim, transferiu para a forma *des-* a faculdade de criar novas palavras. Como sucessor de *dis-*, *des* forma substantivos, adjetivos e verbos. Dentre esses nos interessam os adjetivos, pois negam o sentido primitivo do vocábulo: *descortês*, *desumano*, *desconexo*, *desconforme*, *desleal*, *desnatural*, *desigual*.

1.8.3 O prefixo *in-*

Segundo Said Ali (1964, p. 249-250) o prefixo *in-*, *im-* tem dupla origem: prefixo negativo: *incompleto*, *infeliz*, etc.; advérbio-preposição latina com acepção diretiva:

inundar, implantar, inscrever, inspirar, insurgir, incorrer, imigrante, etc. As formas *em-* e *en-* são, no ocidente, a romanização do advérbio-preposição *in-*: *ensinar, emprestar, etc.*

Para Coutinho (2011, p. 177) *im-* *in-* e *i-* <*in* denotam negação, privação: *impávido, imberbe, impenitente, imbecil; incauto, indecente, infeliz; imortal, ilegal, ignóbil.*

Ao prefixo *in-* (*im-*, *i-*), Bechara (2009, p. 367) atribui sentido contrário, negação, privação: *impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância.*

Bechara (2009) sobre o prefixo *in-*, ainda nos informa de que este afixo só ocorria por imitação literal do latim e somente a partir do período quinhentista é que tornou frequente, pois segundo o autor a derivação popular foi sempre feita por *des-*.

CAPÍTULO II

POR UMA ABORDAGEM ACERCA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

2.1 Considerações iniciais

Os estudos relacionados aos processos de formação das unidades lexicais do português têm sido foco de diferentes perspectivas teóricas, cada qual apresentando uma abordagem para a temática da morfologia derivacional, segundo seus objetivos epistemológicos (BASILIO, 2012). Neste capítulo, destacamos o que tradicionalmente vem sendo designado, em nossas gramáticas normativas, “processos de formação de palavras”. Trata-se apenas de um levantamento inicial, não exaustivo, de cunho gramatical, com o propósito de apresentar as contribuições das principais teorias que se ocupam da formação de palavras. Para isso, tomaremos como ponto de referência as gramáticas de Said Ali (1964), Ismael de Lima Coutinho (2011), Rocha Lima (2013), Evanildo Bechara (2009), José Rebouças Macambira (1998), Celso Cunha e Lindley Cintra (2001), e Marcos Bagno (2011).

Na sequência recorreremos às teorias linguísticas estruturalistas e gerativistas, aqui representadas, respectivamente, por Koch e Basilio, a fim de verificar como essas mesmas questões foram descritas. Pretende-se, com esse levantamento, apontar as contribuições dessas teorias para a formação de palavras, bem como encontrar subsídios para o trabalho com os prefixos *des-* e *in-*, objetos de estudo desta monografia.

2.2 Gramáticas normativas

Como as gramáticas normativas, ou tradicionais, estão circunscritas à prescrição de normas de conduta para a escrita estandardizada, a fim de assegurar a fixação de um modelo ideal de uso linguístico, nunca tiveram como tema central a discussão em torno da produtividade lexical nos diferentes usos da língua corrente, ocupando-se apenas em estudar as unidades vocabulares em uso, sem se preocupar com o potencial do falante em formar e interpretar novas palavras (SANDMANN, 1991). Quando se detém às unidades lexicais, as gramáticas normativas se restringem a enumerar processos canônicos e listar exemplos clássicos na tentativa de assegurar o uso informal das

palavras que recebem os afixos (BASILIO, 2012). Ainda segundo Basilio (2012) as gramáticas normativas entendem, comumente, que o termo *formação* se refere à forma como as palavras estão organizadas, por isso, ocupam-se apenas dos vocábulos já formados. Este é o conceito adotado por Rocha Lima, em sua *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (2013), o autor apresenta os principais prefixos e sufixos do português, listando uma série de palavras, em voga no léxico, a que os afixos se adjungem na tentativa de explorar os sentidos que esses emprestam às palavras primitivas (ROCHA LIMA, 2013). Não há a discussão sobre o potencial que os afixos carregam em formar novas palavras. Essa despreocupação com a formação de novas palavras parece, a princípio, não corromper a *Nova gramática do português contemporâneo* (2001), de Celso Cunha e Lindley Cintra. Logo no início do capítulo sexto, dedicado à formação de palavras, os autores, citando Jean Dubois (1993, p. 289), esclarecem o conceito por eles adotado sobre a formação de palavras:

Chama-se *formação de palavras* o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais [...]

Porém essa premissa não se confirma, pois, como a gramática anteriormente citada, esta se limita ao campo da estrutura da formação de palavras, enumerando os processos e listando os exemplos. A exceção fica por conta do gramático Evanildo Bechara, que promove, na *Moderna gramática da Língua Portuguesa* (2009), uma ampla discussão sobre os processos de formação de palavras, sintetizando as diferentes abordagens por meio de dois grandes critérios de análise: **a formação de palavras do ponto de vista constitucional e a formação de palavras do ponto de vista do conteúdo** (BECHARA, 2009).

O primeiro critério aborda a criação de novas palavras, os neologismos. Estes adentram a língua por meios diversos, o principal deles é a utilização de palavras, prefixos e sufixos, já correntes no idioma, tanto no significado habitual, como por mudança de sentido (BECHARA, 2009). São dois os principais processos de formação de palavras do ponto de vista da constituição material (expressão): a **composição** e a **derivação**, que pode ser **prefixal** ou **sufixal**. Já do ponto de vista do conteúdo, Bechara aponta a possibilidade de distinguir três processos de formação de palavras segundo dois critérios, **gramaticalização implícita** e **gramaticalização** com função **inatural** e/ou

atual, que se entrelaçam: a **modificação**, o **desenvolvimento** e a **composição**. No primeiro critério, temos os processos de modificação e de desenvolvimento, que são afetados em apenas um termo e a composição, que pode ter os dois termos afetados. Já no segundo critério, a modificação é atingida pela função inatual enquanto o desenvolvimento é afetado pela função atual. Na composição, a função pode ser inatual ou atual.

Apesar de alguns problemas aqui apontados, as gramáticas normativas tiveram papel essencial no desenvolvimento da pesquisa em formação de palavras, pois, os estudos tradicionais introduziram a noção de raiz, de radical, de vogal temática, de prefixos, sufixos, além de tentar assegurar os significados dos vocábulos por meio de seus constituintes e da possibilidade de combinação destes (TRAVALIA, 1993).

2.3 Abordagem estruturalista

Assim como a gramática normativa, o estruturalismo, em sua primeira fase, ocupou-se apenas com a descrição das formas já existentes, haja vista, que os estruturalistas tinham como unidade mínima o morfema, sendo a sentença, formada de morfemas, não de palavras (SANDMANN, 1991).

Segundo Koch e Souza-e-Silva (2011), os morfemas, unidades mínimas de significação, são classificados em lexicais e gramaticais. Os morfemas lexicais são formas livres e funcionam isoladamente, *casa*, *livro*, *feliz*. Já os gramaticais são formas presas que funcionam quando ligadas a outras, como a marca de plural em *livro-s*, o sufixo em *livr-esco* e o prefixo em *in-feliz*. Os morfemas gramaticais são divididos em: classificatórios, flexionais, derivacionais e relacionais.

Os **classificatórios** enquadram os vocábulos nas classes dos nomes (substantivos e adjetivos), os nominais, e na dos verbos, os verbais. São **nominais** as palavras com as vogais temáticas: /-a, -e, -o/ *mesa*, *árvore*, *carro*; são **verbais** aquelas com as vogais temáticas: /-a, -e, -i/ *andar*, *fazer*, *ir*.

Os **flexionais** modificam os morfemas lexicais ajustando-os à categoria que sua classe admite. Os flexionais se dividem em: aditivos, subtrativos, alternativos, morfema zero e morfema latente. Os **aditivos** modificam os morfemas lexicais quanto ao **gênero** (*professora*, *aluno*); **número** (*meses*, *anos*); **modo tempo** (*amáramos*, *vendêssemos*);

número pessoa (amaramos, vendêssemos). Os subtrativos podem resultar da supressão de um segmento fônico (*orfão-orfã*), ou da alternância de um fonema no interior do vocábulo (/ô/vo-/ó/vos; form/ô/so-form/ó/sa), abertura da vogal tônica como marca de plural ou de gênero feminino. **Morfema zero**: advém da ausência de marca que expresse as noções de plural e de gênero (mar /-es/; Professor /-a/). **Morfema latente** ou **alomorfe 0**: como o morfema zero, o latente se caracteriza pela ausência de marca categorial, porém, diferente daquele, este não traz em si o contraste entre as categorias gramaticais (*o/os lápis; o/a estudante*).

Os **derivacionais** formam, a partir de morfemas lexicais, novas palavras: *livreiro*, em que *livr* é morfema lexical e *-eiro* derivacional. Todavia, os **relacionais** pertencem à sintaxe e se explicam não apenas por fenômenos mórficos, mas por ocorrências sintáticas. A função dos relacionais é organizar os elementos da frase. A partir dessas informações temos que os vocábulos em português podem ser formados por:

1. um **morfema lexical**: *lua, sal, moral*;
2. **morfema lexical** (\pm vogal temática) + **morfemas flexionais**: *alun-a-s*;
3. **morfema lexical** + **morfemas derivacionais** (\pm morfemas flexionais):
 - 3.1. **prefixo(s)** + **morfema lexical** (\pm vogal temática) (\pm morfema flexional): *i-moral, des-em-barc-a-r*;
 - 3.2. **morfema lexical** + **sufixo(s)** (\pm vogal temática) (\pm morfemas flexionais): *ampar-ado; garota-zinh-a-s*.
 - 3.3. **prefixo(s)** + **morfema lexical** (\pm elemento de ligação) + **sufixo(s)** (\pm vogal temática) (\pm morfemas de flexionais): *des-contenta-ment-o-s*.
4. **morfema lexical** (\pm vogal temática) (\pm morfemas flexionais) + **morfema lexical** (\pm vogal temática) (\pm morfemas flexionais): *sext-a-s – feir-a-s*.

A partir desses modelos de estrutura vocabular, as palavras são categorizadas em *simples* e *primitivas* (apontadas nos itens 1 e 2), *simples*, mas *derivadas* (item 3 e suas subdivisões), e por fim, as palavras *compostas* (item 4). Assim, são levadas em conta a

existência de palavras simples, contendo um morfema lexical, e compostas, contendo mais de um morfema lexical. As simples podem ser *primitivas* ou *derivadas*, servindo as *primitivas* de base para as *derivadas*. Os processos de maior produtividade na formação de novas palavras são a derivação (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria) e a composição (por justaposição ou por aglutinação) (KOCH; SOUZA-E-SILVA, 2011).

Fica evidente que a preocupação do estruturalismo é explicar a estrutura das palavras correntes no idioma, apesar disso, o estruturalismo deixa pressuposto que a formação de novas palavras segue este mesmo modelo. Além desse modelo e da introdução da noção de morfema, o estruturalismo estabeleceu uma delimitação precisa entre os critérios sincrônico e diacrônico, situando-se no modelo sincrônico, pois, para esta corrente importava estudar a língua em um dado momento sem se preocupar com as transformações que trouxeram o idioma até aquela fase. Para os estruturalistas somente a sincronia pode representar a realidade dos falantes (SAUSSURE, 2006). Essa fixação no modelo sincrônico permitiu aos estruturalistas descrever de modo sistemático o funcionamento do conjunto de regras de uma língua num dado período de tempo sem precisar retomar os estudos de caráter diacrônico.

2.4 Abordagem gerativa

Apesar de ser a sentença, unidade maior que a palavra, o objeto de estudo da abordagem gerativo-transformacional, foi com essa abordagem que se deu início aos estudos a respeito da produção de unidades lexicais complexas, palavras formadas por mais de um morfema, vistas analogamente às sentenças (SANDMANN, 1991). Esta abordagem, diferentemente das outras, toma a língua como competência, ou seja, a língua não é somente objeto de prescrição (foco das GTs) ou uma estrutura a descrever (foco do estruturalismo). A partir desse novo enfoque dado à língua, a teoria gerativa pôde debruçar-se sobre as regras e os padrões que compreendem a interpretação e a produção de formas lexicais novas. Porém, como a sintaxe é central na teoria gerativa, esta, por vezes, tentou levar os princípios sintáticos para a formação de palavras, o que dificultou o progresso dos estudos estritamente lexicais (BASILIO, 2012). É nesse sentido que a hipótese lexicalista, introduzida por Chomsky, ganha força no gerativismo, pois trás a morfologia derivacional, parte da gramática dedicada à

competência do falante nativo do idioma, para os estudos lexicais sem perder contato com os pressupostos gerativistas (BASILIO, 2010).

Do ponto de vista lexicalista o conhecimento do falante corresponde a um conjunto de regras que definem as relações lexicais, especificam as possíveis formações ou formam palavras enquanto objetos morfológicos. É nesta imprecisão conceitual que reside a discussão, pois, como o conceito não está bem delimitado, abre margem para a desconfiança na teoria, já que, toda a hipótese lexicalista é pautada por esta noção de regra de formação. O aspecto determinístico do termo é claro em Chomsky, porém, as interpretações variam desde a representação de um processo determinístico, adequado à flexão, mas por vezes inconveniente à morfologia derivacional; até a concepção de que as regras de formação de palavras configuram generalizações indutivas, contrárias à teoria gerativa (BASILIO, 2010).

A imprecisão no conceito de regras atinge diretamente a noção de produtividade, dado que, a expectativa de utilização de regras para formações se confunde com as marcas, expressas no corpo das palavras, dessa utilização. Marcas que apresentam valor relativo, considerando que elementos morfológicos de palavras do português são oriundos do latim; e marcas que não tem representatividade, tomando como pressuposto a falta de interesse da gramática pelo léxico. Desta forma, o conceito de produtividade torna-se vago (BASILIO, 2010).

Por outro lado, o gerativismo aborda ainda as questões de especialização, restrição e bloqueio de palavras, fenômenos que interferem diretamente na formação dos vocábulos, a seguir observaremos como cada um desses conceitos contribui para o sucesso de uma nova lexia.

2.4.1 Especialização, restrição e bloqueio de palavras

Sabemos que a maioria das palavras de nossa língua é formada por derivação ou por composição, sabemos também que a necessidade de criar novas palavras nasce da impossibilidade de expressar o que se quer com palavras já existentes, mas criar uma palavra nova, inteiramente diferente da já existente para cada conceito, como acontece, por exemplo, com *escrever/apagar*, *bonito/feio*, etc. tornaria a língua um sistema menos eficiente, já que o número de palavras aumentaria a ponto de não conseguirmos

memorizar os conceitos guardados em cada forma (BASILIO, 2012). Por isso, usamos a derivação e a composição a fim de especializar o sentido das palavras. Quando a palavra *picareta* ganhou o sentido de ‘pessoa que usa de meios escusos para obter vantagem’, a palavra foi especializada e forjou-se *picaretagem*, forma que sofria restrição, assim como **foiçagem* e **enxadagem* ainda sofrem (SANDMANN, 1991).

Segundo Sandmann (1991) entendem-se por restrições as limitações a que uma regra está submetida, limitações que são parte integrante, ou seja, inerentes à regra. A regra de prefixação de *in* não permite, por exemplo, que este elemento se associe a verbos e a substantivos que indicam ação, como *in-apertar*. O mesmo não ocorre com o prefixo *des-*, *des-apertar*. Assim, temos que a negação não por meio do prefixo *in-* não pode ser feita em verbos e substantivos, resta-nos saber por que essa restrição ocorre, o que a motiva, mas, por ora, fiquemos com outra questão: a dos bloqueios.

Enquanto as restrições são internas à regra, o bloqueio é externo, ele ocorre quando a formação de uma palavra é impedida pela existência de outra(s), veja o caso da palavra **estudagem*, que não sofre restrição, pois a regra permite a nominalização de verbos por meio do sufixo *-agem*, mas é bloqueada pela palavra *estudo*, que já ocupa esse lugar no léxico. Se colocarmos essa questão em termos de lexicalidade e aceitabilidade, observaremos faltar à **estudagem*, aceitabilidade, pois, como colocado anteriormente, o lugar já está ocupado e apesar do sistema autorizar mais de uma forma, o uso consagra apenas uma, *estudo*. O bloqueio age, por fim, como impedimento à produtividade eficaz do léxico (SANDMANN, 1991).

2.5 Abordagem morfossemântica

Corroboramos o pensamento de Basilio (2012) quando esta diz ser ideal a abordagem que: Considera tanto as palavras já existentes no léxico, quanto os padrões que possibilitam a análise dessas palavras, bem como a eventual formação de novas palavras; permita a descrição dos padrões estruturais das palavras, mas também admita a descrição das motivações gramaticais, semânticas ou funcionais. Porém, no tocante aos modelos diacrônico e sincrônico, ao contrário da abordagem, defendida pela autora, que promove uma diferenciação entre os modelos, a abordagem mais adequada é aquela que promove a interação entre diacronia e sincronia, numa visão pancrônica da língua.

Isso posto, o propósito desta monografia será identificar como se deu a seleção ou o momento em que ocorreu a normatização do uso dos prefixos *in-* e *des-*. Essas formas presas apresentam funções análogas, o *in-*, e seus alomorfes *im-* e *i-*, tem, dentre outras, a função de negar, bem como o *des-* e seu alomorfe *de-*, neste trabalho para que possamos estabelecer a devida relação entre *in-* e *des-* importa-nos apenas a função de negação destes prefixos, logo, admitiremos que as formas presas citadas têm por finalidade negar o sentido primeiro de um vocábulo.

Sendo assim, há em português a possibilidade de utilizarmos, por exemplo, as formas **desfeliz* e **incontente*, já que ao negar os sentidos primeiros dos vocábulos estamos respeitando a regra e produzindo possibilidades aceitas pela língua, porém, como estas formas não são institucionalizadas, elas são bloqueadas pelas formas correntes, *infeliz* e *descontente*.

Interessa-nos saber como se deu a institucionalização dessas, entre outras, formas, houve alguma regra que guiasse combinações em detrimento de outras ou as escolhas se deram de por mera convenção? A fim de responder a essas questões selecionamos a Seleta clássica e dela coletamos vocábulos prefixados por *des-* e por *in-*. No próximo capítulo situaremos o leitor quanto a obra escolhida e os resultados obtidos.

CAPÍTULO III

O ENIGMA DAS COMBINAÇÕES

3.1 Considerações iniciais

Os processos de combinação de palavras nem sempre se mostram com clareza, são verdadeiros enigmas a decifrar. Um dos maiores problemas com que se defronta a formação de palavras é a aceitação ou não de combinações de elementos, algumas combinações são facilmente aceitas, outras nos causam estranheza, ainda que aceitas pelo sistema linguístico (BASILIO, 2012).

A explicação mais corrente é a de que não aceitamos a palavra nova porque já existe outra consagrada pelo uso, porém, isto não explica quais são as condições propícias para a combinação de certas formações ou, o que dificulta e até torna impossível algumas combinações (BASILIO, 2012). São essas as explicações que perseguiremos neste trabalho, mais detidamente nesse que será o capítulo dedicado à análise do *corpus*.

3.2 A seleção do *corpus*

Os vocábulos a serem analisados nesta pesquisa foram extraídos da *Seleção clássica*, obra de João Ribeiro, publicada em quatro edições de 1905 a 1931. Na ocasião da publicação, a obra de João Ribeiro representou grande avanço para os estudos de língua portuguesa no Brasil, pois não havia, na época, obra similar. José Leite de Vasconcelos havia publicado em 1903-1904 os seus *Textos arcaicos*, e em 1906 foi lançada a *Crestomatia arcaica* de José Joaquim Nunes, porém nenhuma dessas obras abrangia tantos períodos do português quanto a *Seleção clássica*.

Foi justamente por sentir falta de obra de confiança que contemplasse textos antigos que o filólogo dedicou-se à coleta de textos que abarcassem do período medieval da língua até fins do século XVII e princípio do seguinte. A grande extensão da obra de João Ribeiro se explica pelo fato de que na época vigia a doutrina de que o presente de uma língua se explica pelo passado. Este longo percurso condizia com

método histórico-comparativo disseminado pelo mundo durante o século XIX (RIBEIRO, 2010).

Depois de mais de um século de sua publicação, a *Seleta clássica* ganhou em 2010 nova edição, fac-similar, pela Academia Brasileira de Letras em comemoração ao centenário de Joaquim Nabuco. Essa nova publicação simboliza não apenas o reconhecimento do trabalho pioneiro de João Ribeiro, mas a importância dos estudos diacrônicos, que depois de algum tempo renegado a segundo plano nos estudos linguísticos, têm novamente sua importância reconhecida, não é superior ou inferior aos estudos sincrônicos, mas caminham um e outro juntos para que se possa compreender e melhor explicar os fenômenos da língua e quem sabe prever seu destino.

3.3 A Seleta clássica

Constituída por 416 páginas, a *Seleta clássica* está dividida em quatro partes: apresentação, produzida por Evanildo Bechara e inserida nesta última edição; textos em prosa, assim chamamos a segunda parte porque os textos que a compõem são em sua maioria em prosa; textos poéticos; índice geral.

A investigação desta pesquisa se dará sobre a segunda parte, textos em prosa, do período anteclassico ao clássico II, não nos determos ao século XVIII porque os textos da *Seleta clássica* compreendem apenas os primeiros anos deste século sem nos oferecer uma amostragem precisa dos textos correntes na época. A parte de Poesias por não estar dividida por períodos não foi analisada, pois isso demandaria um maior tempo de pesquisa. Vale lembrar que a introdução produzida pelo próprio autor não é uma introdução nos moldes convencionais, pois é na verdade a composição dos textos do período medieval ou anteclassico.

Composta por 197 textos de diversos gêneros, sendo a segunda parte constituída por 168 textos e a terceira por 29 poesias, a antologia retoma do século XI ao XVIII, para cada período Ribeiro fez uma introdução esclarecendo as principais características da época. Os textos são cheios de notas gramaticais e filológicas, que além de elucidar as dúvidas surgidas durante a leitura e explicar questões históricas e o ponto de vista adotado pelo autor, dão dicas de leitura. Esse cunho didático adotado na *Seleta clássica* se explica não só pelo fato de Ribeiro ser professor, mas porque a obra teria como

público-alvo os estudantes do curso de língua nacional, já que naquela época, o estudo da gramática histórica do português coroava o fim deste curso, a fim de fundamentar as normas e os desvios do idioma.

3.4 Por uma metodologia para o trabalho com os prefixos *des-* e *in-*

Tendo como objetivo primeiro analisar vocábulos com valor de negação prefixados por *des-* e *in-*, buscamos obras que nos dessem uma amostragem, ainda que pequena, de textos desde o período arcaico até o moderno ou início deste. Neste intento, serviu-nos a *Seleção clássica*.

Com a obra escolhida, passamos à leitura dos textos para deles extrairmos as palavras prefixadas por *des-* e *in-*, foram 159 vocábulos encontrados (ver apêndices A e B), salvo alguma desatenção que tenha encobrido qualquer palavra. Passamos então a questão da datação das lexias, comparamos as datas das palavras encontradas na *Seleção clássica* com as datas do *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa* de Geraldo Antônio da Cunha (ver apêndices C, D, E e F), a fim de verificar se a datação apresentada no dicionário corresponde à encontrada na antologia de João Ribeiro, já que a datação das palavras em Língua Portuguesa é uma importante questão tanto para a morfologia histórica como para a lexicologia, como defende Viaro (2010).

Verificada a datação passamos ao exame das lexias para separar as palavras com sentido de negação das com outros sentidos (ver apêndice G e H). A partir deste ponto, já com nosso objeto de análise, as palavras prefixadas por *des-* e *in-* com valor de negação em mãos, pudemos nos deter na investigação acerca dos prefixos *des-* e *in-*. Para proceder ao exame adotamos critérios semelhantes aos de Viaro (2011), em sua tese de livre-docência sobre a derivação sufixal do português; assim, como o autor, devemos responder a algumas perguntas para cada vocábulo que possua um prefixo com valor de negação:

a) Qual o vocábulo analisado?

Neste campo entrarão somente as palavras prefixadas por *des-* e por *in-* que possuam valor de negação, cada um desses prefixos terá seu quadro.

b) Qual prefixo analisado?

Aqui será identificado o prefixo a ser analisado. Sabemos que, no português, ocorre um fenômeno chamado de alomorfia. Nele, diferentes formas expressam o mesmo sentido, ou seja, apesar de *in-*, *im-*, e *i-*; *des-* e *de-* serem formas diferentes, por terem passado por processos de transformação diversos ao longo do tempo, eles podem apresentar o mesmo significado.

Muitas das palavras prefixadas por *des-* apresentam outro prefixo, o *-a-*. Ele estará devidamente identificado na planilha, mas não será objeto de análise.

c) A partir de qual morfema lexical forma-se o vocábulo analisado?

Neste campo apontaremos a palavra originadora do vocábulo prefixado por *des-* e por *in-*.

d) A partir de qual classe morfológica foi formado o “novo” vocábulo?

De grande importância para esta pesquisa é detectar quais classes de palavras se prestam, em maior ou menor grau, à formação de lexias prefixadas por *des-* e por *in-* com valor de negação.

e) Qual sufixo se associa ao vocábulo estudado?

Neste campo estarão discriminados os sufixos que se uniram às palavras prefixadas por *des-* e por *in-*. São eles, os sufixos, que determinam a classe morfológica de cada vocábulo, por isso é importante quantificar quais os sufixos mais produtivos na formação de palavras com sentido de negação prefixadas por *des-* e por *in-*.

Essas perguntas encerram a análise mórfica. Antes, porém, de darmos início à análise semântica, faremos um estudo panorâmico, a fim de conhecer o percurso traçado pelas lexias estudadas. Após esse estudo passaremos à análise semântica, que deve se orientar pelas questões:

a) Qual o morfema lexical analisado?

Partiremos da análise das lexias originadoras dos vocábulos pesquisados, a fim de responder a pergunta a seguir.

b) De que base deriva os adjetivos estudados?

Essa pergunta será respondida por meio da análise pancrônica, que nos auxiliará com a trajetória de cada adjetivo pesquisado. De posse desse conhecimento poderemos agrupar os adjetivos segundo a base da qual derivam.

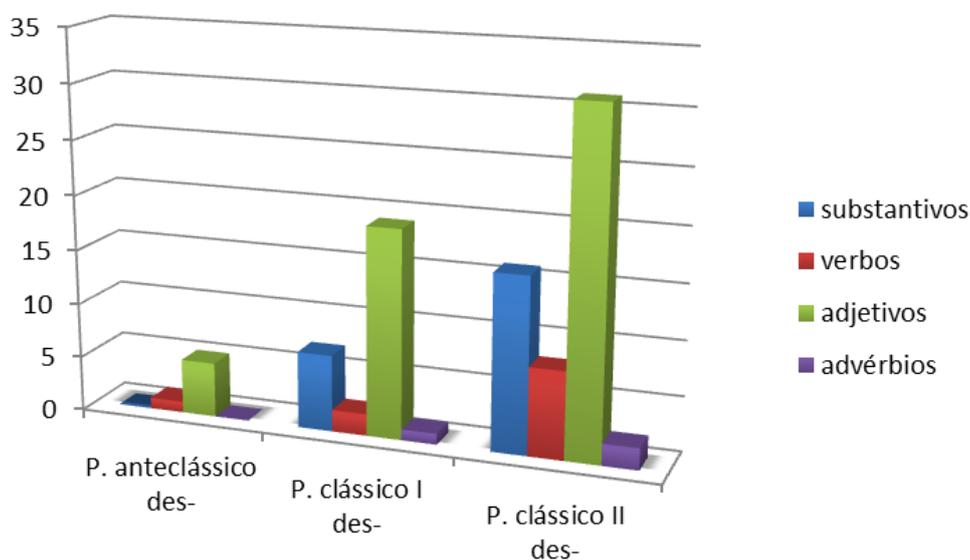
c) Quais mudanças semânticas os prefixos *-des* e *-in* trouxeram para estas lexias?

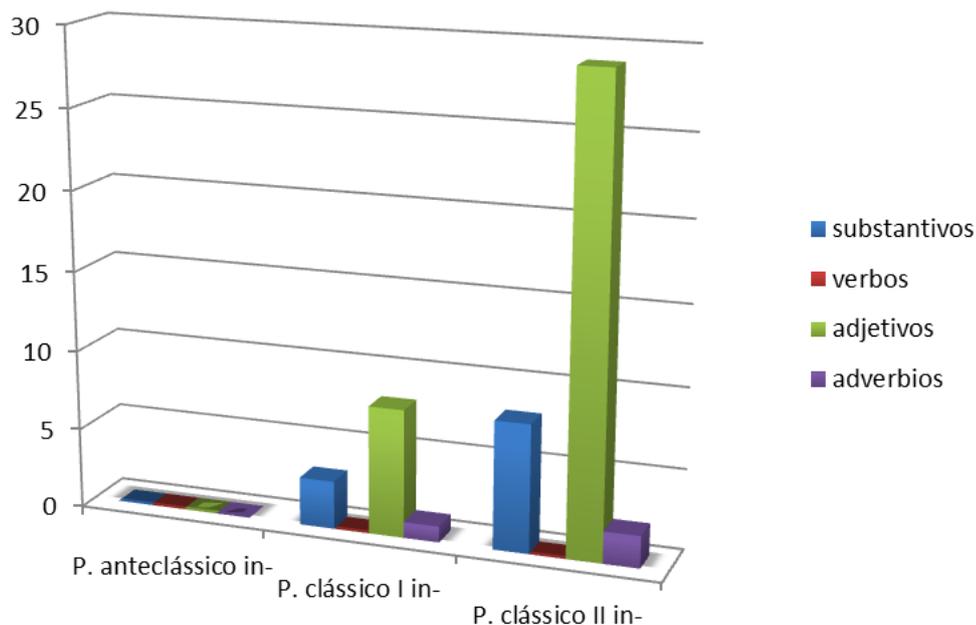
E, por fim, analisaremos se além do valor de negação os prefixos *des-* e *in-* modificam alguma característica da palavra, e se a troca de um prefixo pelo outro modifica a semântica da palavra tornando o uso de um ou outro prefixo mais apropriado.

Ao fim dessas análises pretendemos ter dados suficientes para responder às perguntas propostas no início deste trabalho: Como se deu a institucionalização das palavras prefixadas por *des-* e por *in-*? Houve regras que guiassem essas escolhas?

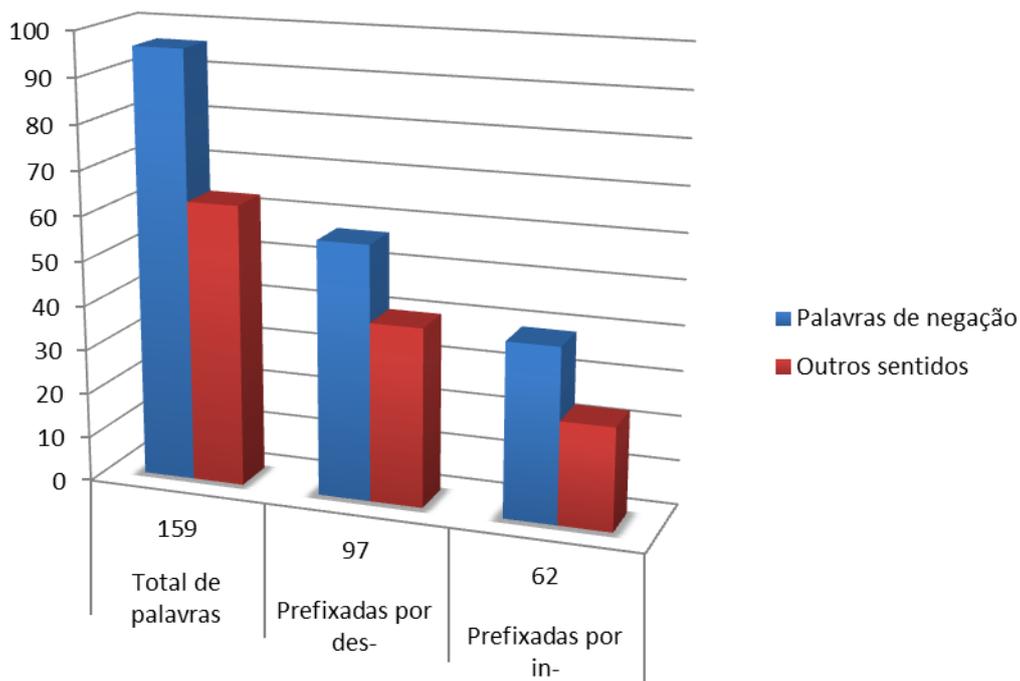
3.5 Análise morfossemântica dos prefixos *des-* e *in-* com valor de negação

Conforme apresentado no primeiro capítulo, o processo de formação de palavras no português se explica, sobretudo, pelos processos de derivação e de composição. Contudo, consoante defende Sandmann (1991), não há forma sem conteúdo, assim, uma análise mais completa do funcionamento dos prefixos *-des* e *-in* demanda tanto análise mórfica quanto semântica das lexias aqui apresentadas. Porém, antes de iniciar as análises traremos alguns resultados obtidos quanto à produtividade das palavras prefixadas por *-des* e por *-in*.



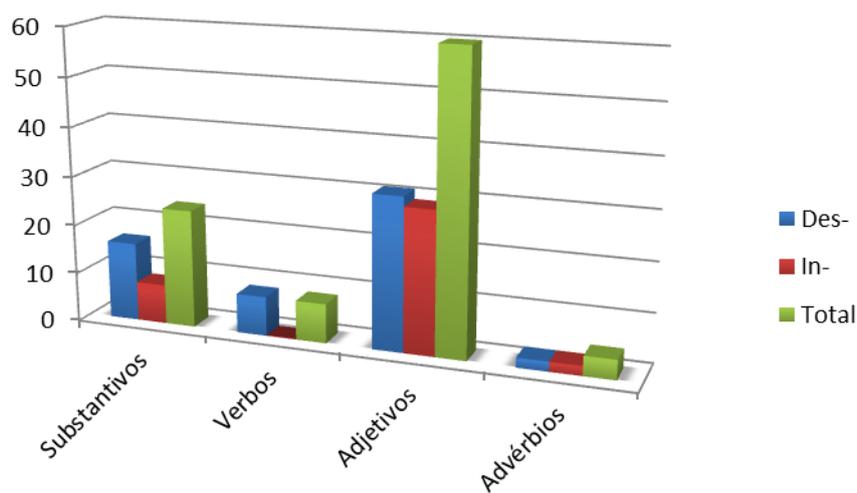


Dos 156 textos analisados (subtraímos dos 168 textos, 12 equivalentes ao século XVIII), encontramos 159 lexias prefixadas por *des-* e por *in-*, destas 96 com sentido de negação, sendo 57 iniciadas por *des-* e 39 por *in-*. O período que mais produziu palavras prefixadas por *des-* e *in-* foi o Clássico II. Entre todos os períodos analisados, a classe gramatical mais produtiva foi a dos adjetivos com 75 palavras de negação, sendo 31 iniciadas por *des-* e 29 por *in-*. Os gráficos abaixo trarão mais dados sobre a produtividade de vocábulos prefixados por *des-* e por *in-* do século XI ao XVII.



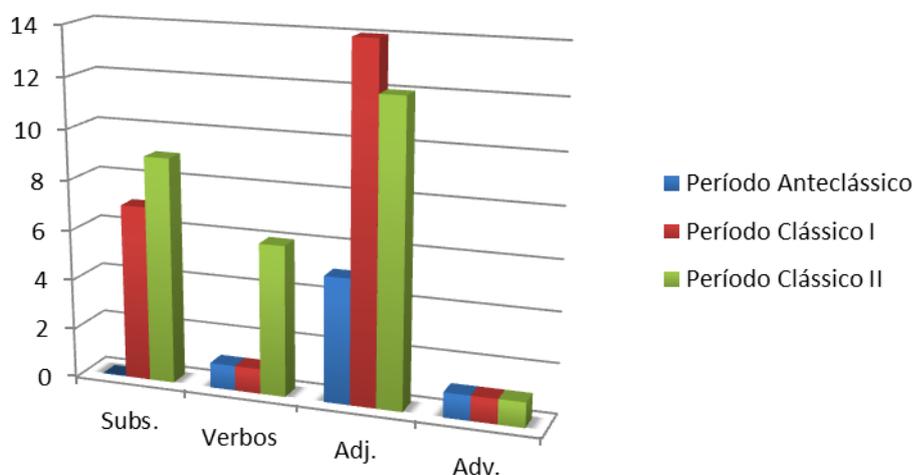
Podemos notar, no gráfico acima, que as palavras prefixadas por *des-* e por *in-* com valor de negação, em comparação às prefixadas por estes mesmos afixos com outros valores semânticos, foram produzidas em maior quantidade em todos os períodos analisados (ver apêndices G e H), o que ajuda a endossar a posição desses prefixos como maiores formadores de palavras negativas do português.

O gráfico abaixo nos mostra que das 96 palavras com sentido de negação, 24 são substantivos, 08 são verbos, 60 adjetivos e 04 advérbios.



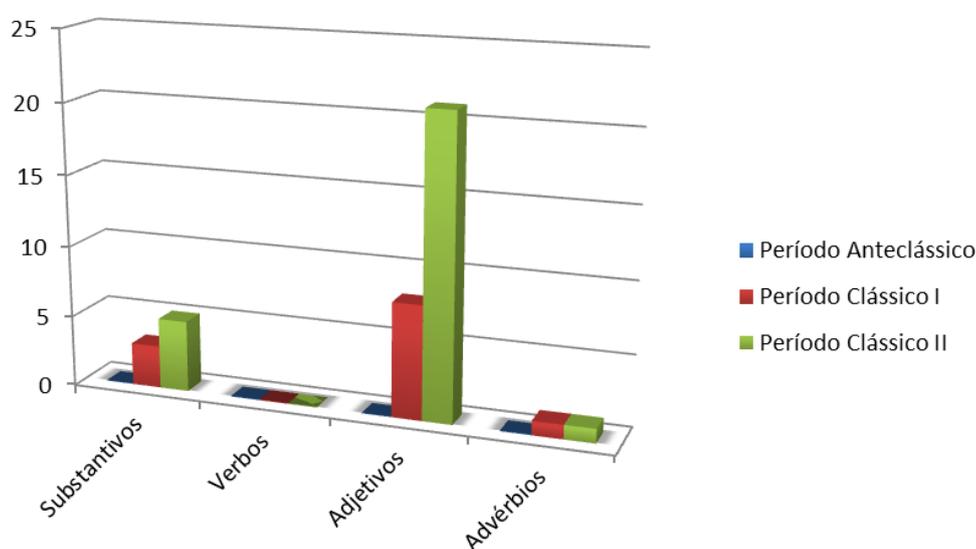
Isso valida o que postulou Nunes (1969), ao afirmar que esses prefixos são principalmente formadores de substantivos, verbos e adjetivos. Os advérbios pouco apareceram nos textos pesquisados.

O próximo gráfico indica o quanto as palavras de negação prefixadas por *des-* apareceram durante os períodos analisados.



Das 96 palavras prefixadas por *des-* e por *in-* com sentido de negação, 57 são prefixadas por *des-*, o que comprova a preferência por este prefixo nas formações de das classes gramaticais estudadas.

O prefixo *in-* mostrou-se menos eficiente na formação de palavras, apresentou 39 lexias com valor de negação, a classe menos produtiva foi a dos verbos, não encontramos registros de verbos com valor de negação prefixados por *in-*. Vejamos abaixo a produtividade das classes de palavras prefixadas por *in-* durante os períodos pesquisados.



Comparando os gráficos anteriores podemos notar que *des-* foi sempre mais produtivo em comparação a *in-*, e que a categoria mais fértil, em todos os períodos estudados, é a dos adjetivos. Motivo pelo qual privilegiaremos os adjetivos quanto às análises mórfica e semântica. Essa categoria gramatical, segundo Maria Helena de Moura Neves (2011), subdivide-se, sob o ponto de vista funcional, em **classificadores e qualificadores**.

Os adjetivos classificadores colocam a coisa nomeada em uma subclasse, ou seja, especificam-na. Ex.: *Animais herbívoros se alimentam exclusivamente de plantas*. Sabe-se que existe uma classe dos animais, o adjetivo coloca esse substantivo em uma subclasse, a dos *herbívoros*, poderia ser a dos *carnívoros* ou a dos *onívoros*. Os classificadores têm caráter não vago, ou seja, são **denominativos** ao passo que fazem uma indicação objetiva da subclasse a que o substantivo pertence. Já os qualificadores

apenas atribuem qualidade à coisa nomeada. São **predicativos** e atribuem ao substantivo propriedades que não compõem, necessariamente, a totalidade das características que o definem. Ex.: *José é honesto e generoso, sempre ajuda aos necessitados. Honesto e generoso*, qualificam José, e podem indicar propriedades particulares a ele, não a uma classe. Os adjetivos prefixados por *des-* ou por *in-* se enquadram neste grupo (NEVES, 2011), o que nos dá algumas pistas sobre como esses prefixos se comportam quando adicionados aos adjetivos, porém essas especulações ficam para as próximas seções deste trabalho.

3.5.1 Das análises mórficas

No capítulo II, seção 2.3, vimos que os morfemas podem ser classificados em lexicais e gramaticais, estes só ganham sentido se ligados àqueles e como observamos na seção anterior os prefixos *des-* e *in-* não podem transformar um adjetivo qualificador em classificador, isto é, esses prefixos não mudam a semântica dos adjetivos no que se refere à mudança de classe, apenas atribuem a eles valor de negação, o que não nos dá dados para afirmar por que alguns adjetivos se unem a *des-* e outros a *in-*.

Na análise mórfica examinaremos quais são os processos de formação de palavras mais comuns a *des-* e a *in-* e a quais categorias gramaticais esses prefixos mais se conectam para formar adjetivos, a fim de descobrir por que existe uma preferência pelo *des-*.

Análise mórfica: <i>des-</i> com valor de negação					
Adjetivos formados a partir de:	Vocábulo	Prefixo	Prefixo	Morfema lexical	Sufixo
Substantivos	descalço	des-	∅	calço	∅
	desonesto	des-	∅	honesto	∅
	desumano	des-	∅	humano	∅
	desigual	des-	∅	igual	∅
Verbos	descoberto	des-	∅	cobrir	∅
Substantivos	desarmado	des-	∅	arma	-ado
	despovoado	des-	∅	povo	-ado
	desterrado	des-	∅	terra	-ado
Verbos	desabrigado	des-	∅	abrigar	-ado
	desamparado	des-	∅	amparar	-ado
	desconsolado	des-	∅	consolar	-ado
	descuidado	des-	∅	cuidar	-ado
	desesperado	des-	∅	esperar	-ado
	desobrigado	des-	∅	obrigar	-ado
	desprezado	des-	∅	prezar	-ado
Verbos	desconhecido	des-	∅	conhecer	-ido
	desimpedido	des-	∅	impedir	-ido
Substantivos	desamoroso	des-	∅	amor	-oso
Substantivos	descontentadiço	des-	∅	contento	-iço
Verbos	desprezível	des-	∅	prezar	-ível
Substantivos	desordenado	des-	∅	ordem	-ado
Substantivos	desacostumado	des-	-a-	costume	-ado
	desapossado	des-	-a-	posse	-ado
	desaproveitado	des-	-a-	proveito	-ado
	desarrazoado	des-	-a-	razão	-ado
	desassemelhado	des-	-a-	semelhar	-ado
	desatinado	des-	-a-	tino	-ado
	desengraçado	des-	-en-	graça	-ado
Verbos	desapegado	des-	-a-	pegar	-ado
	desconfiado	des-	-com-	fiar	-ado
Substantivos	desagradável	des-	-a-	grato	-ável

Análise mórfica: <i>in-</i> com valor de negação					
Adjetivos formados a partir de:	Vocábulo	Prefixo	Prefixo	Morfema lexical	Sufixo
Substantivos	incerto	in-		certo	∅
	inculto	in-		culto	∅
	imortal	im-		morte	∅
	impaciente	im-		paciência	∅
	imperfeito	im-		perfeito	∅
	indecente	in-		decente	∅
	indigno	in-		digno	∅
	indiscreto	in-		discreto	∅
	infeliz	in-		feliz	∅
	infinito	in-		fim	∅
	ingrato	in-		grato	∅
	injusto	in-		justo	∅
	insensível	in-		senso	∅
	inumanidade	in-		humano	∅
inútil	in-		útil	∅	
Substantivo	incurável	in-		cura	-ável
verbos	impenetrável	im-		penetrar	-ável
	incansável	in-		cansar	-ável
	incomportável	in-		comportar	-ável
	inconquistável	in-		conquistar	-ável
	insuperável	in-		superar	-ável
	intolerável	in-		tolerar	-ável
	inviolável	in-		violar	-ável
Substantivo	impossível	im-		possível	-ível
Verbos	invencível	in-		vencer	-ível
	invisível	in-		ver	-ível
Verbos	inconveniente	in-		convir	-ente
	insolente	in-		soer	-ente
Verbos	inexpugnável	in-	-ex-	pugnar	-ável

Da comparação entre os dois quadros, podemos perceber que tanto *des-* quanto *in-* têm flexibilidade quanto à aceitação dos processos de formação de palavras, admitindo qualquer tipo de formação derivacional (prefixação, prefixação + sufixação e parassíntese).

Porém, o *des-* apresenta maior ocorrência em sequências mais complexas, do tipo prefixo + prefixo + morfema lexical + sufixo, quando isso ocorre há uma preferência pelo prefixo *-a-* e pelo sufixo *-ado*, e a maioria desses adjetivos são formados a partir de verbos, bem como quando há a dispensa do segundo prefixo (prefixo + morfema lexical + sufixo), já quando os adjetivos são formados a partir de substantivos há uma inclinação à formação simples (prefixo + morfema lexical).

Do mesmo modo que, quando o prefixo *in-* se liga a substantivos há, na maioria das vezes, uma formação simples (prefixo + morfema lexical) sem a necessidade de sufixo. Quando se usa o sufixo há uma preferência pelo sufixo *-ível*. E ao se ligar a verbos há uma preferência de *-in* pelo sufixo *-ável*, sendo a formação do tipo prefixo + morfema lexical + sufixo. Observa-se a presença dos sufixos *-ível* e *-ente* em menor escala. Com este prefixo a formação, prefixo + prefixo + morfema lexical + sufixo, aparece apenas uma vez, o que demonstra mais simplicidade, apesar de possuir *status* nobres, das formações com *in-*, uma vez que a maioria das formações com *des-* foram mais complexas. Isso retrata como *des-* consegue se adaptar às diferentes estruturas de formação de palavras, o que o torna mais produtivo.

3.5.2 Das análises semânticas

A negação pode se dar, semanticamente, de diferentes maneiras: pelo uso do advérbio *não* aplicado na frente de um verbo, pelo uso de advérbios indefinidos negativos como *nada*, *nenhum* e *ninguém*, de conjunções como *nem*, pelo uso de operadores antepostos à sentença como “*é falso que...*”, entre outras.

A negação pode, ainda, incidir, entre outras, sobre parte do enunciado: *Em 1941, Fernando Sabino não escrevia romances, apenas contos*; ou sobre uma palavra: *não vou, desigual, impaciente* (ILARI, 2002). Aqui chegamos aos prefixos, como vimos no capítulo I, seção 1.8, os prefixos negativos que mais incidem sobre as palavras do português são *des-* e *in-*.

Aparentemente, o prefixo *des-* apresenta dois sentidos, *reversão de um processo* e de negação propriamente dita. Com sentido de reversão de um processo, o *des-* não nega um sema da palavra-base, pois, *desterrar* não significa “*sem (não) terrar*”, ao passo que *desterrado* significa “*que não pátria*”. Temos assim que quando se une a

verbos, o prefixo *des-* adquire função diferente da de negar, à medida que ao se ligar a adjetivos cumpre, na maioria das vezes, o papel de prefixo de negação (FIGUEIREDO SILVA; MIOTO, 2009).

Vejamos nos quadros abaixo, numa análise pancrônica, a qual base os prefixo se acoplaram para formar os vocábulos com os significados que hoje conhecemos, para depois nos debruçarmos sobre a análise semântica, que buscará mostrar como os prefixos atuam nos adjetivos coletados da *Seleta clássica*. Por meio dessa amostragem, objetivamos chegar a conclusões gerais acerca do comportamento dos prefixos de negação *des-* e *in-*.

Análise pancrônica dos adjetivos prefixados por *-des* com valor de negação

Definição	Morfema lexical	Percurso	Definição
'calçado, sapato'	calço	→ calçado → descalçadela → descalçar → descalço	'tirado do pé; descalçado'
'conforme a honra, casto, virtuoso, conveniente'	honesto	→ honestidade → desonesto	'que não é honesto, que denota intenção de enganar, de ludibriar' 'insincero, falso, torpe'
relativo ao homem, bondoso	humano	→ humanidade → desumano	'falta de humanidade' 'bárbaro, cruel, desumano'
'idêntico, que tem as mesmas características, uniforme, inalterável'	igual	→ desigual	'que não usufrui das mesmas capacidades ou vantagens'
'ocultar ou resguardar, pondo alguma coisa em cima, diante ou em redor /envolver, vestir, proteger'	cobrir	→ descoberto	'não coberto por'
'instrumento de ataque e de defesa'	arma	→ arma → armado → desarmado	'que está sem arma' 'desprovido de armamento'
'Conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, uma história e tradições comuns'	povo	→ despovoação → despovoado	'que não tem habitantes nem casa; ermo, deserto' 'que ou o que está parcial ou totalmente desguarnecido, vazio'
'território, região, solo, chão'	terra	→ desterramento → desterrar → desterrado	'que ou o que se desterrou' 'degredado, exilado, expatriado'
'resguardar, proteger'	abrigar	→ abrigo → desabrigado	'...livre de obrigação, desembaraço, quite' 'que não tem obrigação...'
'proteger, sustentar, defender'	amparar	→ amparado → desamparado	'que ou quem não conta com amparo, com qualquer ajuda material e ou moral' 'abandonado, desvalido'
'aliviar ou suavizar o sofrimento de'	consolar	→ consolação → consolado → desconolação → desconsolado	'que se desconsolou' 'que não tem consolação' 'consternado, triste, aflito'
'tratar de, dar atenção a'	cuidar	→ cuidado → descuidado	'que ou quem não toma cuidados suficientes com (algo ou alguém)' 'despreocupado, indiferente'
'aguardar, confiar, ter esperanças'	esperar	→ desesperado	'que deixou de ter esperança' 'desanimado,

			desencorajado, desiludido' 'mergulhado em desespero, extremamente aflito ' ' atormentado'
'sujeitar, responsabilizar, dever'	obrigar	→ obrigação → desobrigado	'...livre de obrigação, desembaraço, quite' 'que não tem obrigação...'
'ter em alta consideração'	prezar	→ prezado → desprezamento → desprezar → desprezado	'que se desprezou' 'a quem se dedica sentimento de desprezo, de desconsideração' 'desestimado, menosprezado'
'ter noção, informação, saber'	conhecer	→ conhecido → conhecimento → desconhecer → desconhecido	'de que se ignora a existência' que se conhece pouco ou de que não tem nenhum conhecimento...' 'de natureza, causa, propriedades não conhecidas'
'embaraçar, estorvar, obstar a, obstruir, interromper'	impedir	→ impedimento → impedido → desimpedimento → desimpedir → desimpedido	'que se desimpediu' 'sem obstrução ou embaraço' 'desobstruído, livre'
'afeição, carinho, simpatia'	amor	→ amoroso → desamor → desamoroso	
'contente'	contento	→ contentamento → contentar → descontentamento → descontentar → descontente → descontentadiço	'que se descontenta facilmente' 'irritadiço'
'ter em alta consideração'	prezar	→ prezado → desprezamento → desprezar → desprezível	'merecedor de desprezo' 'abjeto, vil vergonhoso'
'disposição, regra, disciplina'	ordem	→ ordenação → desordenança → desordenado	'não ordenado' 'fora de ordem, do arranjo, do alinhamento habitual ou correto'
'uso, hábito'	costume	→ acostumado → acostumar → costumado → costumar → desacostumado	'que perdeu o costume' 'que não tem o costume; desabitado'
'detenção de uma coisa com o objetivo de tirar dela qualquer proveito ou utilidade econômica /investidura em cargo público'	posse	→ desapossar → desapossado	'de quem ou aquele a quem tiraram a posse, o domínio de algo'
'ganho, lucro, interesse'	proveito	→ aproveitar → aproveitamento → aproveitador → desaproveitar → desaproveitado	'não aproveitado, que não é usado vantajosamente de acordo com as possibilidades, desperdiçado, inútil'
'faculdade que tem o ser humano de avaliar, julgar, ponderar ideias universais'	razão	→ desarrazoado	'não racional, dominado pela emoção'
'parecer com, ter a aparência de'	semelhar	→ dessemelhar → assemelhar → dessemelhável →	'que não tem semelhança'

		desassemelhado	
'juízo, discernimento'	tino	atinar → desatinar → desatino → desatinado	'que ou o que não tem tino, juízo' 'desvairado, doido, louco'
'favor, mercê, agradecimento'	graça	→ engrajar → desengraçado	'que ou o que carece de graça, de sal, de espírito' 'desanimado, insípido'
'fazer aderir, prender, segurar'	pegar	→ apegar → despegar → desapego → desapegado	'que não tem afeição, apego por'
'abonar, afiançar, confiar'	fiar	→ confiar → desconfiar → desconfiança → desconfiado	'que ou aquele que não confia, ou é dado a desconfiar'
'agradecido, agradável, apazível, suave'	grato	→ agradar → agradável → desagradável	'que não agrada' 'que causa desprazer' 'que impressiona mal'

Análise pancrônica dos adjetivos prefixados por *-in* com valor de negação

Definição	Morfema lexical	Percurso	Definição
'resolvido, decidido, correto'	certo	→ incerto	'que inspira, transmite dúvida(s) ou está sujeito a complicações' 'duvidoso, problemático'
'instruído, civilizado'	culto	→ inculto	'que ou quem não tem cultura, não tem preparo intelectual, não tem erudição'
'fim da vida, falecimento, termo, destruição'	morte	mortal → imortal	'que não está sujeito à morte' 'não mortal' 'perpetuo, eterno'
'virtude que consiste em suportar os sofrimentos sem queixa'	paciência	→ paciente → impaciente	'que não tem paciência' 'que não gosta de sofrer ou ser incomodado'
'que reúne todas as qualidades concebíveis'	perfeito	→ imperfeito	'que não está acabado, incompleto, inconcluso' 'mal executado; feito incorretamente; defeituoso, malfeito, incorreto'
'decoro, honestidade'	decência	→ indecente	'que não é decente' 'que não é próprio, oportuno, adequado' 'incorreto, inconveniente, impróprio'
'merecedor, honrado, honesto, decoroso'	digno	→ indigno	'não merecedor, não digno de' 'desmerecedor'
'reservado em palavras e atos'	discreto	→ indiscreto	'que ou aquele que revela o que deveria ser mantido em segredo' 'inconfidente'
'afortunado, próspero, satisfeito, ditoso'	feliz	→ infeliz	'que ou aquele que não é feliz' 'que ou aquele que não foi favorecido pelas circunstâncias, pelo destino ou pela natureza' 'desgraçado, fracassado, miserável'
'termo, remate, acabamento' 'intenção'	fim	→ infinito	'que não tem limite' 'infido'
'agradecido, agradável, aprazível, suave'	grato	→ ingrato	'que ou aquele que não aprecia devidamente os favoreceu benefícios que lhe são prestados, que não se mostra reconhecido à pessoa que os presta'
'conforme à equidade, à razão, reto, apertado, homem virtuoso'	justo	→ injusto	'que ou aquele que não procede com justiça'
'faculdade de apreciar' 'entendimento'	senso	→ insensível	'desprovido de sensibilidade física' 'que não reage a estímulos físicos'
'relativo ao homem, bondoso'	humano	→ inumanidade	'caráter ou condição do que não pertence ou não parece pertencer ao domínio do humano' 'ação, gesto, atitude desumana, desprovida de

			sentimento de respeito com relação a outro homem'
'que pode ter algum uso ou serventia'	útil	→ inútil	'que não tem utilidade, serventia, préstimo'
'cuidado'	cura	→ curável → incurável	'não curável' 'que não tem cura' 'que não pode ser curado'
'passar para dentro, invadir, atravessar'	penetrar	→ impenetrável	'que não se pode penetrar' 'que não dá acesso ou que não permite a passagem'
	cansar	→ incansável	'que não se cansa' 'que nada é capaz de cansar'
'permitir, admitir, suportar'	comportar	→ incomportável	'que não é comportável, não se pode comportar, tolerar, admitir'
'submeter pela força'	conquistar	→ inconquistável	'que não se pode conquistar' 'inexpugnável' 'que não cede as tentações' 'indomável, invencível'
'punir, lutar, brigar'	pugnar	→ expugnar → inexpugnável	'não expugnável' 'de que é impossível apoderar-se pela força' 'inconquistável'
'vencer, subjugar, dominar' 'exceder, ultrapassar'	superar	→ insuperável	'que não é possível superar, ultrapassar' 'inexcedível' 'que não se pode vencer' 'invencível'
'suportar, consentir'	tolerar	→ intolerável	'que não se pode suportar ou aceitar ou consentir' 'que é extremamente desagradável no trato'
'ofender com violência' transgredir, profanar'	violar	→ inviolado → inviolável	'que não se pode ou que não se deve violar'
'que pode ser, acontecer ou praticar-se'	possível	→ impossível	'que ou o que não pode ser, existir ou acontecer' 'que ou o que é difícil demais de fazer ou conseguir'
'conseguir vitória sobre, triunfar, obter vantagem'	vencer	→ invencível	'que não pode ser vencido' 'impossível de se conquistar ou dobrar' 'inconquistável, insuperável'
'conhecer ou perceber pela visão' 'olhar para, contemplar' 'distinguir'	ver	→ visível → invisível	'que, por sua natureza, não tem visibilidade' 'que não é visível a olho nu...'
'concordar, admitir'	convir	→ conveniente → inconveniente	'que não é conveniente' 'que não é próprio, adequado, oportuno' 'deslocado, inadequado, indiscreto'
'ser comum, frequente, vulgar'	soer	→ insolente	'que acontece raras vezes' 'nunca visto' 'insólito, incomum' 'desrespeitoso no que diz ou nas atitudes que toma' 'atrevido, malcriado, desaforado'

Os processos de formação de palavras nos parecem, muitas vezes, transparentes, porém um breve estudo, como o que fizemos acima, logo nos revela as diversas etapas sofridas por um vocábulo até que ele chegue ao momento em que o capturamos para a análise. Por trás da sincronia temos toda uma diacronia que nos auxilia no entendimento do que a palavra foi, do que é e, por ventura, do que será.

Nos adjetivos aqui estudados, notamos que o trajeto percorrido pelas lexias formadas por *des-*, foi bem maior que o percorrido pelos vocábulos prefixados por *in-*. Enquanto *des-* passou diversas vezes pelo processo de derivação (ora a sufixação, ora a prefixação) para chegar à palavra por nós analisada, *in-* poucas vezes foi submetido a sufixação para depois a prefixação. Isso ocorreria se estivéssemos analisando outros estágios desses morfemas lexicais, ou seja, no caso de *in-*, é a partir dessas lexias que se formaram, pelo processo de derivação, outras: **infeliz** → felicidade → infelicidade → desinfeliz; mortal → **imortal** → imortalidade → imortalizar. O que só comprova a antiguidade de *des-* perante *in-*, enquanto aquele já havia se consolidado na língua, este estava apenas começando o seu percurso.

Para a análise semântica dividimos os adjetivos arrolados em adjetivais, substantivais, verbais, formas coexistentes e bases não seletivas. Essa separação pretende mostrar as regularidades semânticas que favorecem a construção das palavras formadas a partir dos prefixos de negação *des-* e *in-*, além de tentar explicar por que determinado prefixo de negação se une a determinada palavra. Primeiro analisaremos as unidades lexicais formadas com o prefixo *des-* e depois as formadas por *in-*.

- **Adjetivos derivados de base adjetival:**

descontentadiço → *incontentadiço

desagradável → *inagradável

O prefixo *in-* não aceita palavra que não tenha, na sua formação histórica, um estágio adjetival, isso implica dizer que a formação natural seria, *in-* + *contente* e *in-* + *grato*, porém, no caso de *desagradável*, o *des-* não se acoplou à base adjetival *grato*, mas à verbal *agradar*, que impede a junção de *in-*. Com *descontentadiço* ocorre a estrutura, *des-* + *contente* + *-ado* + *-iço* e tanto é cabível a formação *in-* + *contente*, que os dicionários Aurélio e Aulete registram *incontentado*, *in-* + *contente* + *ado*, com a

acepção, “que não se contentou; que não está contente; descontente; insatisfeito” e *incontentável*, significando “não contentável” ou “difícil de contentar”. Ao que parece nenhuma destas duas formas, *incontentadiço* e *incontentado*, foi consagrada pelo uso.

- **Adjetivos derivados de base substantival:**

desacostumado → *inacostumado

desarmado → *inarmado

desamoroso → *inamoroso

desordenado → *inordenado

Os adjetivos acima elencados têm, na sua formação, base substantival, com o tempo eles formaram lexias pertencentes a diferentes classes de palavras, entre elas a dos adjetivos (*acostumado* data do século XIII; *amoroso* do século XIII; *ordenado* século XIV). Estes vocábulos são anteriores aos aqui estudados, ou seja, o *des-* se ligou à base adjetival, base a que se agrega, geralmente, o prefixo *in-*. A explicação mais crível neste caso, é a oferecida pela diacronia. Por ser mais antigo e mais popular, o *des-* ocupou o lugar que caberia a *in-*.

Já as palavras, abaixo listadas, não têm na sua formação base adjetival. Isso dificultou que *in-* se ligasse a elas e propiciou a derivação por meio do prefixo *des-*.

despovoado → *impovoado

desarrazoado → *inarrazoado

desatinado → *inatinado

Entre os adjetivos de base substantival há duas ocorrências que se diferenciam das demais: **desarmado** e **desengraçado**.

Em **desengraçado**, a base é constituída por *en-* + *graça* + *ado*, isto é, *in-* já é parte constituinte do vocábulo, esse processo é o mesmo que se dá com *desarrazoado*, em que a o prefixo *des-* é conectado à base já prefixada.

Desarmado é de base substantival e conta com formação adjetival (*armado*, século XIII), bem como verbal (*armar*, século XIII). Isso nos faz admitir que *des-* se uniu à base verbal para compor o adjetivo *desarmado*.

- **Adjetivos derivados de base verbal:**

desabrigado → *inabrigado

desamparado → *inamparado

descuidado → *incuidado

desobrigado → *inobrigado

desprezado → *imprezado

desconhecido → *inconhecido

desprezível → *imprezível

desassemelhado → *inassemelhado

desapegado → *inapegado

desconfiado → *inconfiado

Dos adjetivos formados a partir de *des-*, aqui pesquisados, a maioria possui base verbal, isso atesta que há uma preferência de *des-* por palavras derivadas de base verbal, o que não quer dizer que esse prefixo seleciona rigidamente a base com que se combina. Neste pequeno estudo, com poucas palavras inventariadas, nos deparamos com palavras derivadas de bases adjetivais, substantivais e verbais, este é um indício de que a forma presa *des-* se adapta a diferentes bases, motivo pelo qual se tornou tão popular.

A preferência de *in-* por bases adjetivais explica a não combinação deste prefixo com as bases, todas verbais, acima.

Porém, apesar de não haver registro das palavras *inconhecido** e *inconfiado**, o dicionário Houaiss registra *inconhecível*, o dicionário Aurélio, e novamente o Houaiss, registram *inconfiável*. Isso nos traz a hipótese de que, em casos como estes, ou o sufixo determina o prefixo ou este determina o uso daquele.

- **Formas coexistentes:**

No capítulo II, seção 2.4.1, vimos que algumas formas, ainda que não sofram restrições, são bloqueadas por outras que já ocupam o lugar no léxico. No entanto, isso não acontece sempre, dentre os adjetivos prefixados por *des-* estudados, alguns convivem com as mesmas bases prefixadas por *in-*:

desimpedido → impedido

Aqui a forma prefixada por *des-* é derivada da formação *im-* + pedido, prevista e usada no português.

desonesto → inonesto

O dicionário *online* de português registra *inonesto* como “o mesmo que desonesto”.

desumano → inumano

O dicionário Aurélio define *inumano* como: “alheio ao sentimento de humanidade”, no Houaiss temos: “desprovido dos sentimentos de respeito, consideração, amor, generosidade etc. esperados dos seres humanos; desumano, cruel”.

desconsolado → inconsolado

Para *inconsolado* o dicionário Aurélio traz o significado: “que não tem consolação”, o Houaiss: “não consolado; sem consolação”.

desaproveitado → inaproveitado

Inaproveitado é registrado pelo Aurélio como: “que não se aproveitou; não aproveitado”, e pelo Houaiss: “não aproveitado; de que não se tira proveito”.

A alternância dos prefixos não modifica o sentido dos adjetivos acima discriminados, o *des-* e o *in-* realizam a mesma função. Notemos que entre os adjetivos de formas coexistentes há aqueles formados a partir de base adjetival, substantival ou de base verbal. Os de base substantival, (*in-* ou *des-*) + *-a-* + *proveito* + *ado*, e verbal, (*in-* ou *des-*) + *consolar* + *-ado*, mudaram de classe por meio do sufixo nominal *-ado*, (*in-* ou *des-*) + *consolado*, (*in-* ou *des-*) + *aproveitado*.

No entanto, em alguns casos, a alternância entre os prefixos mudam a acepção do vocábulo, a esses chamaremos de **bases não seletivas**, haja vista que a base aceita qualquer dos prefixos. Observemos os adjetivos abaixo:

- **Bases não seletivas:**

descoberto → encoberto

desapossado → *inapossado → empossado

desterrado → enterrado

O acréscimo do prefixo *in-* dá outro sentido, que não de negação à base. Aqui o prefixo *in-* (representado pelos alomorfes *em-* e *en-*) reforça a ideia trazida pela bases, *coberto*, *terra* e *posse*, e diferentemente do que acontece com os prefixos *des-* e *in-* que se combinam aos adjetivos de formas coexistentes, os de base não seletiva desempenham funções distintas, enquanto o *des-* serve à privação, o *in-* se une a base a fim de reforçar o sema central.

desigual → inigual

Para *inigual* o dicionário Houaiss traz a acepção: “o que não é comum, atípico”, já para *desigual* o mesmo dicionário dá a seguinte definição: “cuja qualidade, quantidade, natureza diferem, nos objetos ou casos considerados”. Aqui os prefixos desempenham a mesma função, porém os traços semânticos negados variam conforme a combinação de um ou outro prefixo. Com o prefixo *des-*, nega-se o traço *igualdade*, com o prefixo *in-*, nega-se o traço, *que não se altera*.

desesperado → inesperado

A esses adjetivos a mudança de sentido é tênue, mas existe. À medida que *in-* se liga à base, *in-* + *esperado*, o vocábulo formado tem o sentido de, “*não esperado*”, negação. Mas quando a formação é *des-* + *esperado* o significado passa a ser de privação, “*que deixou de ter esperança*”.

- **Falsos amigos**

descalço → encalço

Apesar de parecer, *descalço* e *encalço* não derivam da mesma base. A palavra *descalço* vem do latim vulgar *discalceu* e significa “tirado do pé; descalçado” e deriva de *calço* que se transformou em *calçado*. Já *encalço* deriva da palavra *alcançar*, que tem origem no latim *incalciãre* e significa, “chegar junto de alguém o de alguma coisa que seguia ou corria à frente; atingir alguém ou alguma coisa”.

Terminada a primeira parte desta análise passemos ao estudo dos adjetivos prefixados por *in-*.

- **Adjetivos derivados de base adjetival:**

inculto → *desculto

indigno → *desdigno

indiscreto → *desdiscreto

infeliz → *desfeliz

ingrato → *desgrato

injusto → *desjusto

impossível → *despossível

As palavras acima listadas são o que nós podemos chamar de formações perfeitas em *in-*, porque as palavras não sofreram mudança de classe de palavras para poderem se combinar a *in-*, este se combinou à forma primeira desses vocábulos, a adjetival. Já o prefixo *des-* não se combina a palavras que não tenham, no seu percurso histórico, base verbal. Essa restrição impediu que *des-* se unisse às unidades lexicais de base das formações acima. Assim, a título de exemplificação, temos que a formação **desfeliz* não está disponível porque *des-* sofre restrição, não se combina a bases não verbais. Porém, no português brasileiro já se usa a forma *desinfeliz*, que a exemplo de **desfeliz* não dispõe de base verbal. Isso é um indício de que *des-* pode deixar de sofrer tal restrição.

- **Adjetivos derivados de base substantival:**

imortal → *desmortal

impaciente → *despaciente

indecente → *desdecente

infinito → *desfinito

insensível → *dessensível

Como nos adjetivos formados de base adjetival, aqui o *des-* também sofre restrição porque estes vocábulos não contam com base verbal.

- **Adjetivos derivados de base verbal: 10**

impenetrável → *despenetrável

incansável → *descansável

inconquistável → *desconquistável

inexpugnável → *desexpugnável

insuperável → *dessuperável

intolerável → *destolerável

inviolável → *desviolável

invencível → *desvencível

invisível → *desvisível

insolente → *dessolente

Des- seleciona preferencialmente lexias de base verbal, porém a essas se combinou *in-*, dado que a combinação não se deu com a base primeira, a forma verbal, mas à derivada, adjetival. Assim, para formar *incansável*, *in-* não se combinou a *cansar*, mas a *cansável*, ao passo que *des-* se uniu a forma verbal e formou *descansar*. Com *insolente* ocorreu um processo diferente, *in-* + *soer* + *-ente*, parassintético, em que prefixo e sufixo se unem ao mesmo tempo para formar a palavra derivada.

- **Formas coexistentes:**

imperfeito → desperfeito

As duas formas coexistem sem que uma bloqueie a outra, apesar da forma *desperfeito* não ter frequência de uso por ser usada apenas como termo técnico, significando, “imperfeição causada por deterioração”.

inumanidade → desumanidade

Os dicionários Aurélio e Houaiss definem, respectivamente, desumanidade como “falta de humanidade; crueldade” e “ausência de humanidade; atrocidade, crueldade”. Mesma acepção trazida pelo dicionário etimológico da língua portuguesa para o vocábulo inumanidade, “caráter ou condição do que não pertence ou não parece pertencer ao domínio do humano' 'ação, gesto, atitude desumana, desprovida de sentimento de respeito com relação a outro homem”.

inútil → desútil

As duas palavras coexistem, mas *inútil* é muito mais popular que *desútil*. O dicionário *online* de português registra a palavra como “o mesmo que inútil”, assim como os dicionários Aurélio e Houaiss.

incurável → descurável

Apesar de não ter registro nos dicionários físicos Aurélio, Houaiss e nos eletrônicos Aulete e Dicio, esses registram apenas a palavra *descurar*, observa-se o uso de *descurável* principalmente em textos religiosos.

incomportável → descomportável

Esta palavra aparece em texto jurídico, significando o mesmo que incomportável.

inconveniente → desconveniente

Para desconveniente, o dicionário Aurélio traz a definição, “não conveniente; inconveniente” e o Houaiss, “que ou o que não convém ou deixou de ser conveniente”.

- **Bases não seletivas:**

incerto → *descerto → decerto

A exemplo do que ocorre com as palavras prefixadas com *des-*, quando há alternância entre os prefixos *des-* e *in-* nos vocábulos originalmente negados por meio do prefixo *in-*, o prefixo *des-* assume outra função que não de negação. Em *decerto* o *de-* (alomorfe de *des-*) apenas reforça a ideia contida no morfema lexical.

Apesar do número pequeno de adjetivos inventariados, porém selecionados a título de amostragem, as análises propostas puderam nos auxiliar na compreensão acerca do comportamento dos prefixos de negação *des-* e *in-*. Verificamos que esses prefixos se combinam a diferentes bases, desde que essas apresentem ao longo da sua trajetória, estágio verbal, no caso de *des-* e forma adjetival, para *in-*. Vimos que a alternância na combinação dos prefixos com as palavras-base provoca mudança semântica no vocábulo derivado e entendemos como a restrição impede a associação de *des-* e *in-* a certas palavras-base, ponderando que pode haver mudanças que revoguem essas restrições.

Quanto à subclasse da palavra, observamos que não há mudanças com o acréscimo dos prefixos, os adjetivos continuam a ser qualificadores: igual → desigual; discreto → indiscreto. Com o acréscimo de *des-* e *in-*, passam apenas a qualificar negativamente o que já qualificavam, isto é, a função primordial desses prefixos é tirar um sema presente na palavra-base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo estudar como se deu a seleção da negação por meio dos prefixos *des-* e *in-* nos adjetivos coletados da *Seleta clássica*, antologia clássica organizada por João Ribeiro, cujos registros atestam usos do português entre os períodos anteclassico e clássicos

No primeiro capítulo trouxemos uma retomada histórica, importante para nos situarmos sobre as origens da nossa língua, além das primeiras discussões acerca dos afixos por nós analisados. Tais discussões tiveram por ancoragem um breve levantamento sobre as fontes do léxico português, cuja configuração, do latim ao galego e deste ao português europeu, foi fundamental para compreender a produtividade no processo de desmembramento de raízes a radicais, bem como no acréscimo de afixos a essas mesmas bases lexemáticas, de que resultaram a fixação de normas para a derivação e composição vocabular na língua portuguesa. Ressaltamos, nesse processo, a presença e a manutenção de duas ou mais formas de morfemas derivacionais para representar um único valor semântico, cuja co-ocorrência motivou a construção desta monografia. Tais considerações foram importantes para que avançássemos na investigação, de modo a identificar como estudiosos na área dos estudos linguísticos responderam a esse tipo de ocorrência.

Nesse sentido, ao segundo capítulo ficou a tarefa de expor as teorias que se voltaram à formação de palavras, bem como discutir o tratamento que cada uma dessas teorias dispensou à matéria. Percebemos, na resenha desses estudos, que boa parte dos pesquisadores se ocupou de legitimar as prescrições registradas em gramáticas normativas; contudo, influenciados pelos princípios e pressupostos estruturalistas e gerativistas que orientaram os estudos linguísticos ao longo da primeira metade do século XX, o abandono à língua histórica e, por conseguinte, aos processos diacrônicos de formação vocabular, resultaram em pesquisas centradas na estrutura mórfica das unidades lexicais do português. Assim, tais estudos não foram suficientes para ajudar a responder à questão de pesquisa desta monografia. No entanto, as abordagens lexicológicas desencadeadas por Sandmann (1991) e Basilio (2012), referentes à restrição e ao bloqueio no uso de determinadas formas lexemáticas foram fundamentais para que propuséssemos uma abordagem morfossemântica para o tratamento dos

prefixos *des-* e *in-*, delimitados ao valor semântico de negação. A indissociação entre forma e conteúdo lexical foi uma das hipóteses que tentamos retomar para propor, no capítulo seguinte, uma metodologia de análise que não fosse nem diacrônica nem sincrônica, mas pancrônica, como defendido no paradigma científico vigente, conforme pontuado por Bagno (2011).

O capítulo final apresentou, portanto, para assegurar as considerações apresentadas nos dois capítulos iniciais, centrou-se na análise quantitativa e qualitativa do *corpus* selecionado para compor esta investigação, apresentando, para isso, análises mórfica, pancrônica e semântica dos adjetivos. Verificamos, por meio desse procedimento, a existência de uma discrepância entre a produção de palavras prefixadas por *des-* e por *in-* durante os períodos pesquisados. Os resultados obtidos, ainda que não tivessem o propósito de serem exaustivos, em função dos limites inerentes à planificação de uma pesquisa de *lato sensu*, foram suficientes para apontar que:

1) da produção de palavras prefixadas por *des-* e *in-* com valor de negação, entre os períodos estudados, a classe gramatical que se mostrou mais produtiva foi a dos adjetivos, ou seja, há uma predisposição maior à *des-* e *in-* formarem adjetivos do que qualquer outra classe de palavras. Esse dado, impulsionado pelo tempo escasso, nos motivou a selecionar essa classe para dela fazermos as análises que verificariam os motivos pelos quais os prefixos de negação *des-* e *in-* se unem ou não a determinados vocábulos;

2) a análise das palavras da *Seleta clássica* ainda nos trouxe o dado, comprovado pelo dicionário etimológico, de que o *des-* foi sempre mais produtivo que o *in-*. O que se explica, como já havia apontado Evanildo Bechara (vide capítulo I, seção 1.8.3) pelo fato de *in-* ter origem erudita, ao passo que *des-* tem origem popular. O que não significa que este seja menos complexo que aquele.

3) as análises mórficas mostraram justamente o contrário, enquanto o prefixo erudito prefere as formações mais simples (prefixo + morfema lexical) o *des-* se adapta a qualquer tipo de formação, da mais simples a mais complexa. Essa versatilidade, aliada a questão histórica, garantiu a *des-* maior produtividade, pois, quando *in-* começou a se popularizar, foi bloqueado por *des-* que já ocupava o lugar que caberia a *in-*. Não fosse *in-* bloqueado por *des-*, esse poderia prefixar muitas das palavras prefixadas por *des-* sem perda mórfica ou semântica. As análises semânticas nos

mostraram os casos em que *des-* não pode ser substituído por *in-* e vice versa. Salientaram que um prefixo não pode ser substituído por outro ou porque há mudança semântica, ou porque há restrições que impedem as alternâncias. Ficou registrado com o exemplo de *desinfeliz*, que as restrições podem perder seus efeitos conforme o valor semântico que se espera atingir e o uso que se faz das palavras.

A brevidade temporal de uma pesquisa de *lato sensu* bem como primeira experiência com esse tipo de investigação não nos permitiram chegar a resultados categóricos, mas trabalhos futuros, com *corpus* maior, que compreenda todas as palavras prefixadas por *des-* e *in-* do português, atestadas em textos diversificados ou compiladas em obras lexicográficas, possam, talvez, ser mais conclusivos. Isso posto, os resultados obtidos demonstraram-se satisfatórios, embora uma pesquisa de maior porte, na dimensão morfossemântica e pancrônica, seja necessária para considerações mais gerais sobre a negação vocabular da língua portuguesa por meio do uso dos prefixos *des-* e *in-*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BASILIO, Margarida. **Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares**. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, dezembro, 2010.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2012.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: Edusp, 2001.

BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (org). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio de. *iDicionário Aulete*. Rio de Janeiro: Lexikon. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 210-211. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema05/ponto22.html>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Dicionário online de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

DUARTE, Sirlene. **Formação de palavras e a gramática tradicional**. *Estudos linguísticos – Gel*, Campinas, v. XXXIII, n. 1, p. 739-744, 2004.

- DUBOIS, Jean; et al. *Dicionário de linguística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Editora Positiva, 2004.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos. **Considerações sobre a prefixação**. ReVEL, vol. 7, n. 12, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_12_consideracoes_sobre_a_prefixacao.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2014.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007a.
- _____. *Morfemas do português*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007b.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Português estrutural*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.
- RIBEIRO, João. *Seleta clássica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/media/CAMS-13-Selecta%20Classica-MIOLO-PARA%20INTERNET.pdf> >. Acesso em: 12 mai. 2013.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e Gramática histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Hipótese de explicação discursiva para a mudança de significado e a formação de palavras**. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 51-87, dezembro, 1993.

VIARO, Mario Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

VIARO, Mario. **A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica**. Tese de Livre docência, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VIARO, Mario Eduardo. **História das palavras: etimologia**. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_12.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2013.

APÊNDICES

Apêndice A: Inventário de palavras prefixadas por *des-*

Seleta Clássica			
Des-	Período Anteclassico (XI - XV)	Período Clássico I (VXI)	Período Clássico II (XVII)
Substantivos	desforço	descanso descostume descuido desfavor desprezador desprezo desvão desventura	descobridor descompostura desconfiança desconsolação desemparo desengano desesperação desgoverno desgraça desigualdade desmerecimento desordem
Verbos	descarnecer desconfortar desenfrear despor desprezar desselar	desabafar desamparar desaparecer descansar descobrir desembuçar desenganar desenrolando desfazer desocupar desprezar desviar desterrar	desapossar desarmar desatar desbastar descarregar descompor desconfiar desconhecer descoser descuidar desculpar desembarcar desencontrar desenterrar desfigurar desgovernar desmentir desprezar desovar

Des-	Período Anteclassico (XI - XV)	Período Clássico I (VXI)	Período Clássico II (XVII)
Adjetivos	<p>desacostumada descoberto desapossado desasemelhado desembargadas desemparado</p>	<p>desamoroso desapegado desaproveitada desarrazoado desatinado dependurada descalço desconcertado desconfiada desconhecida desculpado desengraçada desonesto despejado desprezada desumano desprezível desterrado</p>	<p>desabrigado desagradável desarmado desconsolada descontentadiço descuidado desesperada desigual desimpedida desobrigado desordenada despovoado</p>
Advérbios	desenfadamento	desenganadamente	desassombradamente

Apêndice B: Inventário de palavras prefixadas por *in-*

Seleta clássica			
In-	Período Anteclassico (XI - XV)	Período Clássico I (VXI)	Período Clássico II (XVII)
Substantivos	—	infortúnios infidelidade inimigo	embarcação impiedade incomodidade infelicidade ingratidão injustiça
Verbos	embarcar envasilhar enxemprastes	emprensar engrifar enriquecer	encaminhar encerrar engrandecer engrossar ensoberbecer
Adjetivos	—	encharcada enternecido envelhecida imperfeito incerto inconveniente inculta indignado indiscreta infinita ingrata injusto	encarnado encastelado encerrado engraçado enterrado imortal impaciente impenetrável impossível incansável incomportável inconquistáveis incuráveis indecente indigno inexpugnável infeliz inumanidade insensível insolentes insuperável intolerável inútil invencível envergonhado inviolável invisível
Advérbios	—	indiscretamente	encarecidamente inviolavelmente

Apêndice C: Datação das palavras prefixadas por *des-*, segundo o dicionário etimológico

Dicionário etimológico						
Des-	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII
Substantivos	—	desventura desengano desigual	descobridor	desprezador desvão desembargador	descanso descuido desfavor desgraça desconfiança desconsolação desemparo desesperação desordem	desgoverno descompostura desinteresse
Verbos	desapossar	descoberto desconfortar desprezar dependurada desamparar desaparecer descobrir desenganar desfazer desviar desenterrar desterrar desarmar desatar descarregar desconhecer desfrutou	despoer descansar	desabafar desculpar desembarcar desgovernar desesperar	desenrolar desconfiar desbastar descompor descoser descuidar desmentir desovar desembainhar	—
Adjetivos	desapossado	desterrado desamoroso descalço desarmado	dessemelhado desembargado desamparado desconhecido desonesto desesperado	desapegado desarrazoado despovoado desobrigado desordenado	desconfiado desumano despejado desabrigado descuidado	—
Advérbios	—	—	—	desenfadamento	—	—

Apêndice D: Datação divergente

Datação divergente: <i>des-</i>		
Palavras	Seleta clássica	Dicionário etimológico
desforço	Período anteclassico	1858
desacostumada	Período anteclassico	Séc. XVI
desocupar	Séc. XVI	Séc. XIX
desconcertado	Séc. XVI	1813
desengraçada	Séc. XVI	1844
desprezível	Séc. XVI	1813

Palavras não encontradas no dicionário etimológico:

Período anteclassico – Seleta clássica

descarnecer/ desselar

Período quinhentista – Seleta clássica

descostume/ desprezos/ desaproveitada/ desatinados/ desculpado/ desembuçado/
despresada/ desenganadamente

Período seiscentista – Seleta clássica

desencontrar (aparece desencontro no séc. XVII)/ desmerecimentos/ desconsolada/
descontentadiço/ desimpedida

Séc. XVIII – Seleta clássica

desaffectada/ desdobradas/ desempenhado/ desvanecida/ descrescenças

Apêndice E: Datação das palavras prefixadas por *in-*, segundo o dicionário etimológico

Dicionário etimológico						
In-	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII
Substantivos	—	—	ingratidão	infidelidade	inumanidade infelicidade encarecimento imprudência injustiça	embarcação impiedade incomodidade infortúnio
Verbos	—	enriquecer encerrar	encarecer	encaminhar envergonhar	engrandecer	—
Adjetivos	—	envelhecido inculto inimigo enterrado envergonhado	encastelado indignos	inconveniente indiscreto infinito injusto impossível infeliz inútil invisível	incerto ingrato imortal impaciente impenetrável incansável incurável indecente inexpugnável insensível intolerável invencível ímpio implume impróprio imprudente incógnito	insolente insuperável inviolável inaudito incapaz indispensável insipida
Advérbios	—	—	—	—	—	—

Apêndice F: Datação divergente

Datação divergente: <i>in-</i>		
Palavras	Seleta clássica	Dicionário etimológico
embarcou	Período anteclassico	XVI
envasilhar	Período anteclassico	1813
imperfeito	Séc. XVI	XVII
ensoberbeça	Séc. XVII	XVIII

Palavras não encontradas no dicionário etimológico:

Período anteclassico – Seleta clássica

enxemprastes

Período quinhentista – Seleta clássica

emprensar/ engrifar/ encharcada (aparece encharcar no séc. XVI)/ enternecido (aparece enternecer no séc. XVI)/ indignados (indignação, indignar XV, indigno XIV)/ indiscretamente (indiscreto XV)

Período seiscentista – Seleta clássica

engrossando (engrossado XVI)/ encerrados (encerrar XIII)/ engraçado (engraçar XIV)/ inoportável/ encarecidamente/ inviolavelmente

Séc. XVIII – Seleta clássica

inverosimilidade/ inadvertidamente (inadvertência XVI)/ incautamente (incauto XVI)/ incontestavelmente -

Apêndice G: Palavras de negação prefixadas por *des-* em relação a outros sentidos

	Anteclássico		Clássico I		Clássico II	
	Valor de negação	Outros sentidos	Valor de negação	Outros sentidos	Valor de negação	Outros sentidos
Substantivos	—	desforço	descostume descuido desfavor desprezador desprezo desvão desventura	descanso	descompostura desconfiança desconsolação desamparo desgoverno desgraça desigualdade desmerecimento desordem	descobridor desengano desesperação
Verbos	desprezar	descarnecer desconfortar desenfrear despor desselar	desamparar	desabafar desaparecer descansar descobrir desembuçar desenganar desenrolar desfazer desocupar desviar desterrar	desconfiar desconhecer descuidar desencontrar desgovernar desprezar	desapossar desarmar desatar desbastar descarregar descompor descoser desculpar desembarcar desenterrar desfigurar desmentir desovar

Adjetivos	desacostumada desapossado desasemelhado descoberto desemparedado	desembargado	desamoroso desapegado desaproveitado desarrazoado desatinado descalço desconfiado desconhecido desengraçado desonesto desprezado desprezível desterrado desumano	dependurado desconcertado desculpado despejado	desabrigado desagradável desarmado desconsolado descontentadiço descuidado desesperado desigual desimpedido desobrigado desordenado despovoado	—
-----------	--	--------------	---	---	---	---

Apêndice H: Palavras de negação prefixadas por *in-* em relação a outros sentidos

	Anteclássico		Clássico I		Clássico II	
	Valor de negação	Outros sentidos	Valor de negação	Outros sentidos	Valor de negação	Outros sentidos
Substantivos	—	—	infortúnios infidelidade inimigo	—	impiedade incomodidade infelicidade ingratidão injustiça	embarcação
Verbos	—	embarcar envasilhar enxemprar	—	imprensar engrifar enriquecer	—	encaminhar encerrar engrandecer engrossar ensoberbecer
Adjetivos	—	—	imperfeito incerto inconveniente inculto indiscreto infinito ingrato injusto	encharcado enternecido envelhecida indignado	imortal impaciente impenetrável impossível incansável incomportável inconquistável incurável indecente indigno inexpugnável infeliz inumanidade insensível insolentes insuperável intolerável inútil invencível inviolável invisível	encarnado encastelado encerrado engraçado enterrado envergonhado
Advérbios	—	—	indiscretamente	—	inviolavelmente	encarecidamente

